

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Gians Rodrigues

Homossexualidade na TV

Uma análise de identidade das minorias sexuais nos telejornais
da Rede Globo

Passo Fundo

2016

Gians Rodrigues

Homossexualidade na TV
Uma análise de identidade das minorias sexuais nos telejornais
da Rede Globo

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof. ^a Ms. ^a Nadja Maria Hartmann

Passo Fundo

2016

Gians Rodrigues

**Homossexualidade na TV: Uma análise de Identidade das Minorias Sexuais nos
Telejornais da Rede Globo em 2015**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da
Faculdade de Artes e comunicação, da Universidade
de Passo Fundo, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a
orientação da Ms. Nadja Maria Hartmann

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms.^a Nadja Maria Hartmann – UPF

Prof.^a Dr.^a _____ – UPF

Prof.^a Dr.^a _____ – UPF

Gians Rodrigues

Primeiramente fora Temer. Segundamente fora Trump. Terceiramente um agradecimento a minha mãe, Josélia Boita, por simplesmente ter me apoiado na minha caminhada de curso. Muito obrigado a minha orientadora Nadja Hartmann por sempre ter se preocupado com meus problemas pessoais no decorrer dessa jornada e ter se tornado, mesmo que de forma indireta, uma mãe. Obrigado também aos meus amigos Matheus Colombo, Mateus Leal, Juliana Zanatta, Lauren Potella e Caroline Beccari por estarem do meu lado sempre que eu precisei.

Resumo: Este projeto de pesquisa tem por objetivo observar e analisar seis reportagens de três telejornais da Rede Globo de 2015. As reportagens analisadas são relacionadas a homossexualidade e suas vertentes. Tal objetivo se justifica pela busca de igualdade e direitos, e pela quantidade de crimes e atos de origem homofóbicas que ocorre nas cidades brasileiras e, conseqüentemente, têm cobertura na mídia. No primeiro capítulo é possível conferir, baseado em autores como Olga Curado (2002), Pierre Bourdieu (1997), Lucia Santaella (2005), Nelson Traquina (1999, 2005) e Otavio Klein (2008, 2013), uma breve historia do telejornalismo e da emissora analisada e também pode-se verificar as formas em que a mídia televisiva é classificada. No primeiro capítulo também é possível conferir as formas com que o telejornalismo constrói a realidade e a ideia de telejornalismo como construção social. O segundo capítulo aborda a homossexualidade. Nele, baseados em autores como Luiz Mott (2013), Leandro Colling (2007), Joan Scott (1995), Pierre Bourdieu (1999), é possível compreender as origens das minorias sexuais e também a forma com que normalmente são abordados pela mídia. Também é possível entender a diferença entre sexo e gênero e os papéis sociais definidos como normais para cada gênero. A metodologia utilizada é a análise de conteúdo de Bardin (2004). A projeção de detalhes referentes à realização da pesquisa consta na sequência. Analisando as reportagens não foi possível concluir se os jornalistas exercem efetivamente o papel social de conscientizar a população. Notou-se nas reportagens elementos que contribuem na criação de uma identidade generalizada e não individual das minorias sexuais, reforçando o conceito de heteronormatividade.

Palavras-chave: Homossexualidade; identidade de gênero; telejornalismo; Rede Globo.

Abstract: This research project has the objective of observing and analyzing six reports from three Globo TV news programs of 2015. The reports analyzed are related to homosexuality and its aspects. This objective is justified by the search for equality and rights, and by the amount of crimes and acts of homophobic origin that occurs in Brazilian cities and, consequently, have media coverage. In the first chapter it is possible to check, based on authors like Olga Curado (2002), Pierre Bourdieu (1997), Lucia Santaella (2005), Nelson Traquina (1999, 2005) and Otavio Klein (2008, 2013), a brief history of telejournalism And of the analyzed broadcaster and also can check the ways in which the television media is classified. In the first chapter it is also possible to check the ways in which television journalism builds reality and the idea of telejournalism as a social construction. The second chapter addresses homosexuality. Based on authors such as Luiz Mott (2013), Leandro Colling (2007), Joan Scott (1995), Pierre Bourdieu (1999), it is possible to understand the origins of sexual minorities and also the way in which they are usually approached by the media. It is also possible to understand the difference between sex and gender and the social roles defined as normal for each gender. The methodology used is the content analysis of Bardin (2004). The projection of details regarding the accomplishment of the research is in the sequence. Analyzing the reports it was not possible to conclude whether the journalists effectively exercise the social role of raising public awareness. In the reports, elements that contribute to the creation of a generalized and non-individual identity of sexual minorities, reinforcing the concept of heteronormativity.

Keywords: Homosexuality; gender identity; television journalism; Rede Globo.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 TIPOS DE CONTEÚDO – FONTE: RODRIGUES, 2016	34
TABELA 2 TEMAS ABORDADOS - FONTE: RODRIGUES, 2016.....	35

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 FESTA DO ORGULHO GAY	36
FIGURA 2 ESCRIVÃ DESAFIA A LEI	40
FIGURA 3 COM QUE ROUPA EU VOU	43
FIGURA 4 OBAMA NO QUÊNIA	46
FIGURA 5 CASAMENTO GAY É COMEMORADO	48
FIGURA 6 ESCRIVÃ SE RECUSA A CASAR GAYS.....	48

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1. TELEJORNALISMO	11
1.1. Padrão Globo de qualidade – História da Rede Globo	12
1.2. A TV categorizada como uma biblioteca.....	14
1.2.1 Entretenimento	14
1.2.2. Educação.....	15
1.2.3. Publicidade	15
1.2.4. Outros	16
1.2.5 Informação ou telejornalismo	16
1.3. Construção da notícia	18
1.4. Se passou na TV é verdade – Construção da realidade no telejornalismo	20
1.5. O telejornalismo como construção social.....	23
2. HOMOSSEXUALIDADE.....	26
2.1. As origens de quem quebra as regras sociais	26
2.2. Abordagem na mídia.....	27
2.3. Gênero x Sexo, qual a diferença? O papel dos gêneros na sociedade	28
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	30
3.1. Corpus.....	30
3.2. Método de análise	31
4. ANÁLISE	34
4.1. Análise quantitativa	34
4.2. Suave na nave - Bom Dia Brasil	35

4.2.1 Reportagem: Festa para celebrar o orgulho gay em SP reuniu uma multidão na Avenida Paulista	36
4.2.2. Reportagem: Escrivã desafia decisão de suprema corte e se recusa a registrar casamento gay nos EUA	39
4.3. Que deselegante - Jornal Hoje.....	42
4.3.1. Reportagem: Turistas se concentram em São Paulo para participar da Parada Gay	43
4.3.2. Reportagem: Barack Obama defende os direitos dos homossexuais em discurso no Quênia.....	46
4.4. Até Homer Simpson entende - Jornal Nacional	47
4.4.1. Reportagem: Suprema Corte dos EUA aprova o casamento gay em todo o país.....	48
4.4.2. Reportagem: Escrivã que se recusou a casar dois gays é presa nos Estados Unidos	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXOS	60

INTRODUÇÃO

A visibilidade de gays e lésbicas no meio televisivo sempre esteve marcada por estereótipos que mostravam gays afeminados e lésbicas masculinizadas. A escancarada depreciação a qual esses sujeitos eram submetidos, particularmente em programas humorísticos, já não provoca o riso fácil e sem contestação, seja do movimento social, seja do público que assiste aos mais variados produtos midiáticos.

Nos últimos anos, algumas mudanças significativas começam a aparecer na televisão aberta, especialmente nas novelas, que têm veiculado imagens diferentes das “caricaturas” antes predominantes, impulsionada pela visibilidade das minorias – ativistas ou não – em outros setores. De forma mais tímida, o jornalismo passou a incluir esses grupos em suas pautas. Ainda com pouca cobertura, elas têm tentado mostrar seus rostos através dos telejornais. Entender como se dá a representação desses grupos pelo telejornalismo, é a intenção deste trabalho. Assim o problema de pesquisa é: “como foi representada a identidade das minorias sexuais em reportagens dos telejornais da Rede Globo em 2015?”.

Esta pesquisa objetiva-se então analisar a identidade das minorias sexuais nos telejornais da Rede Globo em 2015. São objetivos complementares e que contribuem para a restringência do nosso estudo: avaliar a identidade empregada às minorias sexuais apresentadas pelos materiais; verificar as formas de tratamento a essas minorias; observar quanto de tempo é usado pelas reportagens para falar sobre homossexualidade e preconceito; aferir quais as principais imagens capturadas durante o processo de produção e analisar se o jornalista faz o papel social dele ao conscientizar a população. O estudo se justifica pela expansão da visibilidade que as minorias sexuais vêm conquistando no decorrer dos anos e na presença da mídia em meio a sociedade.

A pesquisa analisou reportagens veiculadas em três dos principais telejornais da emissora: Bom Dia Brasil; Jornal Hoje e Jornal Nacional. A escolha da Rede Globo se deu pelo fato de ser o canal aberto líder em audiência no país. Segundo dados do IBOPE Media Workstation, encontrados no site do instituto (Anexo 1), no ano de 2015 a Rede Globo manteve a audiência de 30% a 40%. Dessa forma a emissora, fundada em 1965 pela família Marinho, é hoje uma das mais influentes do Brasil. As matérias geradas acabam provocando discussões sobre temas importantes. A delimitação dos telejornais deu-se pela quantidade de matérias relacionadas a homossexuais presente em seus arquivos. As reportagens foram coletadas através de contato direto com o Centro de Documentação da TV Globo (CEDOC) e

por uma pesquisa profunda na plataforma de vídeos da emissora, a GLOBOPLAY. A amostra geral é formada por 26 reportagens, sendo 10 no Bom Dia Brasil, 07 do Jornal Hoje e 09 do Jornal Nacional, somando ao todo 44 minutos e 55 segundos. Desse total, apenas 06 serão analisadas de acordo com critérios de seleção descritos abaixo. Esta pesquisa se utilizou, inicialmente, da revisão bibliográfica de publicações científicas. Para isso foi realizado uma ampla leitura em obras de autores como Beatriz Becker (2005), Pierre Bourdieu (1997), Mario Sergio Conti (1999), Olga Curado (2002), Guilherme Jorge de Rezende (2000, 2009), Lucia Santaella (2005), Nelson Traquina (1999, 2005), Mauro Wolf (1995, 2003), além de outros autores de livros e artigos que discorrem sobre os assuntos trazidos neta pesquisa.

Após observação das amostras, foi realizada uma pesquisa descritiva, onde se fez uma análise dos objetos, e também o registro e a interpretação de fala das minorias sexuais e dos repórteres da emissora. Foi analisada também a tematização no que diz respeito às caracterizações das minorias sexuais, para isso foi necessário adentrar nos textos, falas e imagens afim de compreender seus sentidos.

A revisão de literatura é feita para que haja compreensão de alguns conceitos-chave, tais como Telejornalismo, Construção Social, Homossexualidade e Identidade de Gênero, fundamentais para o objeto de estudo.

1. TELEJORNALISMO

Após ter sido criada pelos russos e desenvolvida pelos ingleses e norte-americanos, a televisão finalmente chegou ao Brasil. O novo meio de comunicação atraiu a atenção do Jornalista Assis Chateaubriand, que viajou até os E.U. A e importou em 1950 a novidade ao país. Os profissionais do rádio ficaram receosos quanto ao novo veículo, achando que perderiam seu espaço no meio de comunicação, porém, o que eles não sabiam é que a TV se apoiaria no rádio para se desenvolver, ou seja, tais profissionais é que dariam vida à televisão. (JESUS & RESENDE, 2013)

[...] graças ao jornalista Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo que (dono dos Diários Associados), em 18 de setembro de 1950, inaugurou, oficialmente, o primeiro canal do país e da América Latina, a hoje extinta TV Tupi. (GALVÃO & DUCA, 2010, p. 84)

Chateaubriand inaugura então o primeiro canal televisivo do país, a PRF36 – TV Tupi de São Paulo, Canal 5. Com a popularização da TV, outras emissoras surgiram ao longo dos anos seguintes. (KORNIS, 2008)

O novo meio de comunicação no Brasil obedecia mais aos paradigmas de produção utilizados no rádio, seguindo à mesma estrutura e o mesmo formato de programação. Aos poucos foi se difundindo e apenas em um ano já existiam no país cerca de 7.000 aparelhos. Inaugurada em caráter definitivo em 18 de setembro de 1950 a TV Tupi de São Paulo foi à primeira rede de televisão da América Latina. (SAMPAIO 1984)

Em 19 de setembro, dia seguinte da inauguração oficial da televisão no Brasil, foi transmitido o primeiro telejornal brasileiro (MATTOS, 2000). O *Imagem do Dia* ia ao ar por volta das 21h30min. O apresentador, produtor e redator era Ruy Rezende¹. Os textos eram copiados do rádio ou recortados do jornal impresso (*gilette-press*²) e “... uma sequência de filmes dos últimos acontecimentos locais” (SAMPAIO 1971, 23 apud TEMER).

A televisão era então uma novidade acessível apenas para a elite, e seguia os paradigmas de produção usados no rádio, o telejornal era transmitido ao vivo com a entonação típica radiofônica. (MATTOS, 1990, p. 3)

¹¹ Lorêdo (2000, p. 29) afirma que o locutor era Homero Silva, e cita como cinegrafistas Jorge Kukjian, Afonso Zibas e Paulo Salomão. Ankerkrone (2001) cita também Maurício Loureiro Gama.

² A expressão faz parte do jargão jornalístico e remete a ideias de recortar, usando uma lâmina de barbear, material jornalístico do jornal impressos para serem lidos pelo locutor (TEMER, 2012, p. 10)

Em 1º de abril de 1952 nascia um dos mais famosos telejornais brasileiros, o “Repórter Esso”, que levava o nome de seu patrocinador, a Esso. O telejornal tinha 33 minutos de duração. Com a frase “Aqui fala o seu Repórter Esso – testemunha ocular da história” na voz do gaúcho Heron Domingues que comandava o noticiário. (REZENDE, 2000)

Não dá para falar em história do telejornalismo no Brasil sem comentar o “TJ Brasil”. O noticiário foi ao ar pela primeira vez em 1988 no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Inspirado nos formatos americanos revelou Boris Casoy na TV, que na época era editor-chefe da Folha de São Paulo. Ainda no SBT (SQUIRRA S. , 1993). Em 1961 entrou no ar o “Aqui Agora”. Baseado no extinto “Aqui Agora” da TV Tupi de 1979 e no programa argentino “Nuevedinario”, também tinha linguagem com influências do rádio. (REZENDE, 2000)

1.1. Padrão Globo de qualidade – História da Rede Globo

Foi utilizado como objeto de estudo três telejornais da Rede Globo, por esse motivo será apresentada uma breve história da emissora paulista da família Marinho.

Iniciamos em dezembro de 1944 quando foi inaugurada, no Rio de Janeiro, a Rádio Globo. O início das transmissões regulares começou com uma série de shows e programas transmitidos dos auditórios da ABI (Associação Brasileira de Imprensa) e do Teatro Rival, na Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro. No início, iam ao ar na Rádio Globo AM programas de radio teatro, notícias, esporte e música. Ao longo do tempo, os programas com comunicadores, os noticiários e as transmissões esportivas passaram ocupar a programação da Rádio. Foi à primeira emissora do futuro Sistema Globo de Rádio. Baseada no tripé notícias, futebol e entretenimento, e com forte ênfase na prestação de serviços, a Rádio Globo transmite sua programação, em linguagem simples e popular, para milhões de ouvintes em todo o país. (OLIVEIRA SOBRINHO, 2000)

Em julho de 1957, o presidente Juscelino Kubitschek aprova a concessão de uma estação de televisão à Rádio Globo. Surge o canal 4, quem em abril de 1965 torna-se Rede Globo. A emissora é o embrião da futura Rede Globo de Televisão. Localizada em um prédio no bairro do Jardim Botânico, zona sul da cidade do Rio de Janeiro. As instalações foram projetadas para abrigar uma estação de televisão, diferente do que havia acontecido com outras emissoras até então. A criação da Globo movimentou o mercado de televisão no Brasil, fazendo com que vários profissionais, tanto na área jornalística quanto artística, encontrassem

na Globo a oportunidade para desenvolver suas carreiras e estimular a produção de conteúdo nacional (OLIVEIRA SOBRINHO, 2000)

De acordo com Bonner (2009), a função do JN, até hoje, é mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no mundo e no Brasil para todas as pessoas de diferentes classes sociais, utilizando uma linguagem simples, clara e objetiva (BONNER, 2009)

O surgimento da Rede Globo de televisão ocorreu no período em que militares estavam no poder e boa parte do material transmitido pelos veículos de comunicação era censurada pelo regime. Nesta época, redações de jornais, estúdios de televisão e estações de rádios foram invadidos, tendo suas programações censuradas (ZAHAR, 2004).

Os métodos da censura variavam. Algumas vezes, ele vinha sob a forma de comunicações oficiais e memorando, outras diretamente por telefone. A imprensa recebia uma espécie de índice de assuntos proibidos e nomes de pessoas que não poderiam ser entrevistadas ou mencionadas. Fatos considerados delicados para o governo provocavam a presença na emissora de oficiais do Serviço Nacional de Informação (SNI) e da Polícia Federal. (ZAHAR, 2004, p. 36)

Sabendo da influência e poder que a telecomunicação tem sobre a sociedade, podemos discutir qual tendência política a Rede Globo se apoiou no decorrer da história. O poder é a finalidade última da política. O conceito de poder pode ser entendido como “a capacidade de um sujeito influir, condicionar e determinar o comportamento de outro indivíduo” (BOBBIO, 1997, p. 11). Para o autor, a tipologia moderna das formas de poder se estrutura no poder econômico, político e ideológico.

O poder econômico é exercido pela posse de bens materiais, dos quais se necessita para viver e sobreviver. O poder político, pela força (coerção), por meio das diferentes formas de violência, para garantir a permanência dos privilégios de determinado grupo. Já o poder ideológico influi sobre as mentes “pela produção e transmissão de ideias, de símbolos, de visões de mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra” (BOBBIO, 1997, p. 11).

A teoria do poder ideológico pode ser comparada ao poder dos meios de comunicação de massa, sobretudo da mídia, que conforme, conceitua o autor: programações censuradas.

Se vale da posse de certas formas de saber inacessíveis aos demais, de doutrinas, de conhecimentos, até mesmo apenas de informações, ou então de códigos de conduta, para exercer uma influência sobre o comportamento de outrem e induzir os componentes do grupo a agir de um determinado modo e não de outro” (BOBBIO, 2000, p. 221)

Com o sucesso do Jornal Nacional, alcançando 79,9% da audiência nacional, a Globo investe no telejornalismo e em 1971 lança o Jornal Hoje. Em 1973 entram no ar o Globo Repórter que com linguagem do documentário, apresentava com profundidade, o que não era possível nos telejornais, e o Fantástico - o Show da Vida que mistura entretenimento e jornalismo nas noites de domingo. No ano de 1979 a emissora estreia seu noticiário de fim de noite com grandes reportagens, análises e entrevista nomeado de Jornal da Globo (SECCHIN, 2007).

Atualmente a sede da Central Globo de Produções (CGP – Estúdios Globo) no bairro Jacarepaguá, Rio de Janeiro ostenta o título de maior centro de produção da América Latina. A unidade ocupa 1,65 milhão de metros quadrados na Zona Oeste do Rio – sendo 156 mil metros quadrados de área construída (SECCHIN, 2007).

1.2. A TV categorizada como uma biblioteca

Organizar as coisas faz parte do cotidiano humano, segundo Souza (2004), classificar as coisas em categorias é o princípio da lógica de Aristóteles. É o mesmo que organizar um curso em disciplinas e horários.

Assim Souza (2004) divide a televisão brasileira em três categorias: entretenimento, informação e educação, que abrangem a maioria dos gêneros. O autor considera ainda as categorias publicidade e outros, esta última engloba gêneros diversos como religiosos, “especiais” e eventos (SOUZA, 2004)

No Brasil, os “especiais” são produções exclusivas e inéditas apresentadas pelas emissoras como programas diferenciados, que podem ser de vários gêneros. Musicais, minisséries e entrevistas são algumas dessas produções chamadas “especiais” pelas redes brasileiras. (SOUZA J. C., 2004, p. 39)

Para melhor compreensão das categorias divididas por Souza, na sequência será apresentado algumas características de cada categoria.

1.2.1 Entretenimento

Alguns conteúdos informativos são caracterizados pelo prazer e não pela necessidade de informação.

Conforme Trigo (2003), na sociedade atual, a informação é mercadoria valiosa, com fluxo controlado por instituições dos mais diversos setores:

(...) existe uma intrincada rede que agrupa em um mesmo fenômeno atividades que, na origem, são diferentes (esportes, notícias, arte, educação, lazer, turismo, show-business), mas que se articulam enquanto mercadorias destinadas a um consumo específico caracterizado pelo prazer. Surge um grande e difuso espaço que pode ser denominado “entretenimento” – ou espetáculo, para usar a terminologia de Guy Debord. Ele perpassa todas essas atividades e possibilita transformar tudo, literalmente tudo, em mercadoria para consumo, das mais ordinárias e baratas até as pretensiosamente mais exclusivas, sofisticadas e caras (TRIGO, 2003, p. 21).

Sendo assim, entretenimento é a categoria que abriga o maior número de gêneros. Conforme Souza (2004) são eles: auditório, colunismo social, culinário, desenho animado, docudrama, esportivo, filme, game show, humorístico, infantil, interativo, musical, novela, quiz show, reality show, revista, série, série brasileira, talk show, ficção, variedades. (SOUZA J. C., 2004)

1.2.2. Educação

Nesta categoria encontram-se dois gêneros: educativo e instrutivo (SOUZA J. C., 2004). O gênero educativo concentra-se em horários com baixos índices de audiência ou em canais educativos como a TV Escola. Já o gênero instrutivo pode acrescentar algum conhecimento específico ao telespectador (SOUZA, 2004), um exemplo disso é o programa “Bem Estar” da Rede Globo.

1.2.3. Publicidade

A produção televisiva só funciona com a ajuda da propaganda, ela vem para viabilizar os trabalhos. “Não existe emissora que se sustente sem o patrocinador. Até as educativas já acordaram para isso e buscam apoio para suas produções com objetivos culturais”. (SOUZA J. C., 2004, p. 155)

Segundo Souza (2004) nesta categoria estão incluídos cinco gêneros: chamada, filme comercial, político, sorteio e telecompra.

1.2.4. Outros

A categoria outros abriga os gêneros que reservam três peculiaridades segundo Souza (2004, p. 92): especiais, eventos e religioso. No gênero “especiais” entram programas únicos, que podem se classificar em mais de uma categoria, como um programa de Olimpíadas (SOUZA, 2004)

Os programas sobre eventos irão depender de concessões de exibições e de oportunidades das emissoras. Dependendo da natureza do evento, o gênero pode estar inserido em variadas categorias. (SOUZA J. C., 2004). Um exemplo disso é a cobertura das Olimpíadas.

Já o gênero religioso é fonte de renda para as emissoras nos horários pouco assistidos. “Os programas religiosos atendem ao crescimento das igrejas e denominações que se difundem no Brasil desde o início da década de 1980” (SOUZA J. C., 2004, p. 166).

1.2.5 Informação ou telejornalismo

Esta categoria é responsável por prestar serviços, instruir e orientar a população (CONTI, 1999). Nela estão enquadrados todos os gêneros relacionados ao Jornalismo e a transmissão de notícias. São quatro gêneros: debate, documentário, entrevista e telejornal. (SOUZA J. C., 2004)

O que caracteriza o formato debate é quantidade de pessoas envolvidas na discussão de fatos e temas. “É o número de pessoas que cria o debate, diferentemente da entrevista, que pode ser produzida com apenas um entrevistador e um entrevistado” (SOUZA J. C., 2004, p. 144). O formato mais frequente é o “mesa redonda”, usado bastante do esporte.

Penafria (1999) definiu gênero documentário como “aquele que, pelo registro do que é e acontece, constitui uma fonte de informação para o historiador e para todos os que pretendem saber como foi e como aconteceu” (PENAFRIA, 1999, p. 20).

Conforme a classificação de Jaspers (1998), o documentário pode também se aparentar em forma de grande reportagem contando de uma série de informações referentes a um acontecimento. Um exemplo de grande reportagem na televisão brasileira é o Globo Repórter, da Rede Globo de Televisão (JESPERS, 1998)

Outro tipo de documentário para televisão é a reportagem investigativa definida como “uma reportagem explicativa ou de investigação (...) sobre um assunto de interesse público de

caráter social, econômico, jurídico, ecológico ou da vida cotidiana”. (JESPERS, 1998, p. 172)

Outro gênero é a entrevista. Uma de suas características é a possibilidade “de ser destinada a um único objetivo: “fazer emergir uma informação, esclarecê-la e midiaticizá-la” (JESPERS, 1998, p. 149)

Jespers (1998) aponta dois tipos de entrevista. A entrevista factual, muito utilizada em reportagens a fim de comprovar o relato jornalístico. E a entrevista empática, cujo objetivo consiste em revelar aspectos da personalidade do entrevistado. (JESPERS, 1998, p. 162).

Do ponto de vista da rotina produtiva, destacam-se três tipos de entrevista. A entrevista de estúdio, na rua e outro tipo de entrevista conhecida como fala povo ou enquete, na qual formula-se uma mesma pergunta para diferentes pessoas (CUNHA, 1990, p. 26).

Os objetos de análise desta pesquisa são telejornais da Rede Globo no ano de 2015. O telejornal “está no ar com a missão de oferecer esclarecimentos sobre os fatos” (CURADO, 2002). Para Klein (2013) as notícias de um telejornal

(...) embora sejam a principal fonte de informação de grande parte da população, ainda não possuem o mesmo destaque como objeto de investigação. As notícias ou reportagens de televisão, do ponto de vista da produção, são o resultado da construção de imagens e de texto. “ (KLEIN, 2013, p. 20)

A relação das imagens e textos no processo de produção da notícia será abordado em seguida.

Em seus primórdios o telejornal possuía uma linguagem característica do rádio (SOUZA C. A., 1999). Com o passar dos anos, os avanços das tecnologias fizeram com que ela se modificasse, fazendo com que representasse o real de forma modificada (KLEIN, 2008)

O processo de produção começa com a reunião de pauta, onde é selecionado o que é e o que não é notícia para aquele momento (CALEFFI, 2015). Esse trabalho é desempenhado por um profissional que relaciona assuntos que poderão ser notícia, o pauteiro (MACIEL, 1995, p. 28)

Logo depois os assuntos selecionados são repassados aos produtores, “que fazem contatos, levantam informações adicionais e marcam as entrevistas que forem necessárias”. (SILVA, 2005). O material produzido pelos dois profissionais servirá de suporte para o desenvolvimento da matéria pelo repórter com o cinegrafista (BONASIO, 2002)

Para Silva (2005, p. 35) no próximo processo de produção, o repórter envia o material coletado com informações adicionais sobre os entrevistados e sobre a matéria.

Segundo Rezende (2009) o telejornal necessita de um apresentador em estúdio chamando matérias e reportagens sobre fatos recentes (*Hard News*). Normalmente são apresentados ao vivo para dar um tom de naturalidade e para se adaptar com mais facilidade a possíveis novos acontecimentos (REZENDE, 2009)

1.3. Construção da notícia

O primeiro passo para iniciar a produção de uma notícia é a escolha da pauta. Já nesta decisão, há uma relação de poder entre o que é e o que não é notícia para aquele momento (CALEFFI, 2015) esse processo de seleção leva em conta a noticiabilidade. “A importância de um acontecimento é avaliada pelo jornalista, que julga se o fato é notícia e deve ser divulgado” (CURADO, 2002, p. 15).

Em um estudo sobre critérios de noticiabilidade, Galtung e Ruge (1999) listaram doze fatores para que um fato se torne notícia. Para eles o jornalista seleciona a informação estabelecendo critérios para organizar o mundo a sua volta. Esse é um papel dos editores quando determinam uma pauta. Esse processo de seleção é amplamente discutido nas reuniões de pauta (TRAQUINA, 1999, p. 59), primeiro passo para o processo de seleção. Sobre a noticiabilidade Wolf (1995) explica que ela

Corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias (WOLF, 1995, p. 168)

Wolf (1995) explica ainda que na seleção dos acontecimentos são utilizados os valores/notícia, eles são definidos como regras práticas ligadas às rotinas produtivas e aos valores profissionais.

Os critérios devem ser fáceis e rapidamente aplicáveis, de forma que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão. Para além disso, a simplicidade do raciocínio ajuda os jornalistas a evitarem incertezas excessivas quanto ao fato de terem ou não efetuado a escolha apropriada. Por outro lado, os critérios devem ser flexíveis para poderem adaptar-se à infinita variedade de acontecimentos disponíveis; além disso, devem ser relacionáveis e comparáveis, dado que a oportunidade de uma notícia depende sempre das outras notícias igualmente disponíveis (GANS apud WOLF 1995, 174)

Pena (2005) conceitua ainda as categorias substantivas. Segundo o autor “uma informação sobre o presidente da República é mais valorizada do que outra, de mesmo tom, sobre um vereador” (PENA, 2005, p. 72). As categorias relativas ao produto remetem a conceitos fundamentais para a atividade jornalística. As categorias referentes ao meio levam em conta a particularidade de cada veículo. Segundo Pena (2005) “na TV, por exemplo, há a necessidade da imagem e isso influencia a noticiabilidade” (PENA, 2005, p. 73). Nas categorias alusivas ao público o autor considera serviços e a proteção do espectador, como a não veiculação de suicídios. Já as relativas às concorrências levam em consideração o trabalho dos outros veículos de comunicação (PENA, 2005)

Após a escolha das pautas entra em cena a apuração dos fatos, prioriza-se a versão que o jornalista acredita ser mais próxima da verdade, encontra-se aí, a segunda relação de poder da notícia (CALEFFI, 2015).

Na década de 1950, David Manning White, através de uma adaptação da teoria de *gatekeeper*, sugere que o jornalista seleciona as informações e decide o que será ou não notícia. O autor adaptou o conceito da teoria *gatekeeper*, psicólogo alemão Kurt Lewin, que se refere à pessoa que toma as decisões. Traduzindo, a metáfora significa que o jornalista é o “porteiro”, que seleciona as informações e decide o que será notícia e, portanto, é responsável pela construção da realidade (VALENTINI & IJUIM, 2010, p. 76)

As rotinas profissionais no processo de produção da notícia é o pilar central das teorias construcionistas, que define notícia como uma construção da realidade. Essas teorias rejeitam as definições da teoria do espelho, onde as notícias eram tratadas como um recorte fiel da realidade (TRAQUINA, 2005)

Ainda segundo Valentini e Ijuim (2010) teóricos como Traquina e Alsina, apesar de não admitirem a ideia da teoria do espelho, não deixam de “admitir que as notícias não sejam verdadeiras”, mas apenas que existem “pontos de vista e diferentes formas de contar o mesmo fato” (VALENTINI & IJUIM, 2010, p. 77)

Conforme Jorge Pedro Sousa (2005) as notícias são uma construção que sofre interferências de fatores pessoais, sociais, culturais, ideológicos, históricos e tecnológicos. Para complementar, Breed citado por Traquina (1999) afirma que o jornalista ainda segue as normas da empresa, norteadas por lógicas de negócios (TRAQUINA, 1999).

Como citado anteriormente, existem ainda os critérios de noticiabilidade, que para Wolf (1995) são conjunto de critérios, utilizados pelos veículos de comunicação, para “escolher” os fatos cotidianos que são importantes e devem virar notícia (WOLF, 1995, p.

168). Desta forma, podemos entender que o trabalho do jornalista é baseado em dois polos: a organização dos trabalhos e dos processos produtivos em uma emissora de televisão e a cultura dos jornalistas.

Traquina (2005) afirma que o jornalista é um participante ativo na construção da realidade e define as notícias como “um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (a notícia)” (TRAQUINA apud SILVA, 2005, p.97).

Portanto, para a teoria construcionista as notícias são produzidas por “pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discursos” (TRAQUINA, 1999, pp. 170-171).

1.4. Se passou na TV é verdade – Construção da realidade no telejornalismo

A construção da realidade na televisão também depende das imagens e o cinegrafista tem um papel importante nesse processo. As imagens capturadas por ele, além do acontecimento, dependem também do que o profissional pensa e se comporta sobre aquele fato ou pessoa capturada (KLEIN, 2008).

A imagem televisual é aquela veiculada, mas que antes foi captada numa determinada perspectiva e enquadrada de alguma forma por alguém que opera uma câmera. Essas imagens são produzidas a partir de imagens que os agentes possuem sobre os sujeitos dos acontecimentos e que geralmente circulam no meio social. (KLEIN, 2008, p. 79)

Para Curado (2002), o objeto filmado possui uma identidade. Porém, a informação jornalística vai além.

A postura, o comportamento de uma pessoa que é filmada transmite uma mensagem: o olhar enérgico ou irado, os punhos cerrados, os braços cruzados, se está deitado, agachado ou sentado, se a cabeça está erguida insolentemente ou se aparenta submissão. Tais elementos dão mais compreensão à notícia. A câmera pode valorizar aqueles aspectos. Ao ficar em posição mais elevada que a pessoa empresta-lhe mais fraqueza; se se coloca abaixo, dá-lhe mais força. Um detalhe trazido em close reafirma a sua importância (CURADO, 2002, p. 109)

Bourdieu (1997) chama a atenção sobre o poder das imagens na construção da notícia, para ele, elas podem fazer existir ideias ou representações, mas também grupos.

As variedades, os incidentes ou os incidentes cotidianos podem estar carregados de implicações políticas, éticas, etc. capazes de desencadear sentimentos fortes,

frequentemente negativos, como o racismo, a xenofobia, o medo-ódio do estrangeiro, e a simples narração, o fato de relatar, *to record*, como repórter, implica sempre uma construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização (ou de desmobilização) (BOURDIEU, 1997, p. 28).

O poder das imagens icônicas é estudado por autores como Elizabeth Bastos Duarte (2004) e Lucia Santaella (2005). A semiótica tem grande papel na representação do real. Elizabeth Bastos Duarte (2004) busca refletir questões semióticas ligadas a televisão. Nesse estudo autora destaca diferentes lógicas que comandam a linguagem televisiva. Utilizaremos para a análise das amostras desta pesquisa, a lógica discursiva,

Que trata da maneira como os produtos televisivos, que são produtos discursivos, se estruturam, enformam as linguagens de que se utilizam para sua expressão, de maneira a construir suas representações e a exprimir os valores subjacentes às práticas sociais que privilegiam, criando e manipulando signos e assim produzindo sentido (DUARTE, 2004, p. 40).

Segundo Klein (2008) “a midiatização realizada pela televisão não consegue trazer o mundo real para a tela” (p. 68). No telejornalismo imagens icônicas revelam temas, mostram ícones e atribuem significados ao que é mostrado (KLEIN, 2008). Para Duarte (2004) existem alguns atributos que impedem a representação do mundo real, como a alteração de cores e a mudança de dimensões por exemplo. Para a autora, as parcelas de real não correspondem a seleções de imagens, dos enquadramentos e movimentos das câmeras, da edição e sonoplastia, que determinam o quê e como vai ser mostrado. Nessa perspectiva, estamos diante de uma construção de linguagens, não mais ao real, mas a uma realidade discursiva (DUARTE, 2004, p. 80, apud KLEIN, 2008).

Segundo Lucia Santaella (2005) a maioria das estratégias de manipulação de imagem não são “falsificações diretas da realidade expressas de maneira assertiva, mas sim uma manipulação através de uma pluralidade de modos indiretos de transmitir significados” (SANTAELLA, 2005, p. 208)

Para Champagne (1998) “as imagens exercem um efeito de evidência muito poderoso”. Elas ajudam a criar “uma realidade indiscutível” (CHAMPAGNE, 1998, p. 62). Complementando esta ideia, Verón (2004) afirma que as imagens então, são uma espécie de testemunha dos acontecimentos (VERÓN, 2004)

De acordo com Santaella (2005, p. 53) “à imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem”. Um parece ser insuficiente sem a contextualização do outro.

Para a autora, “o contexto mais importante da imagem é a linguagem verbal”. (SANTAELLA, 2005)

Segundo Klein (2008) seguido das imagens, sempre será associado o texto produzido pelo repórter e pelo editor. Ainda segundo o autor, uma colocação de Santaella, na linguagem textual, a possibilidade de os telespectadores atribuírem sentidos diferentes daqueles pretendidos pelos editores é menos provável do que com as imagens.

Deve ser levada, também, em consideração, a duração de uma reportagem. Em uma matéria inferior a um minuto “supõe uma menor importância do fato e uma redução dos elementos destacáveis” (HERREROS, 1998, p. 186 apud KLEIN, 2008). O autor destaca ainda que uma reportagem superior a dois minutos atribui maior valor aos fatos e permite um tratamento mais profundo.

Outra característica importante é o horário de exibição e o tratamento temporal empregado nos fatos. Em um jornal que vai ao ar durante a manhã pode ser empregado uma temporalidade de caráter retrospectiva pois pode apresentar fatos que aconteceram durante a madrugada. Mas também pode ser empregada temporalidade de caráter prospectiva e preditiva em relação ao futuro (DUARTE, 2004).

Para Squirra (1990), o horário determina o público almejado e influencia diretamente a forma e o conteúdo da edição a ser realizada.

O telejornal da 1 h da tarde tem público, e, conseqüentemente, estilo e formato diferentes de um telejornal das 08 ou ainda das 11 da noite. Estes, por sua vez, também são diferentes entre si. O público da televisão é menos homogêneo que o dos outros veículos, sobretudo o do jornal impresso. Isso interfere diretamente na apresentação das notícias, na edição das matérias e na organização dos programas telejornalísticos (SQUIRRA 1990, p. 100)

Outro aspecto que deve ser levado em consideração quando se fala em construção da notícia é a estrutura em que a reportagem se apresenta. Podem ser utilizados diversos recursos para a estruturação como a escalada³, cabeça da notícia⁴, passagem ou boletim⁵, sonora⁶, nota coberta ou texto em off⁷ o sobe som⁸. (HERREROS, 1998)

³ Chamada das matérias no início do programa ou no final do bloco anterior (KLEIN, 2008)

⁴ Introdução da matéria feita pelo apresentador do telejornal. Ajuda situar o telespectador sobre a reportagem que segue. (KLEIN, 2008)

⁵ O relato do repórter no local do evento. (KLEIN, 2008)

⁶ São as entrevistas ou participações de convidados pela equipe de reportagem. (KLEIN, 2008)

⁷ Situação em que aparece a voz do repórter ou do âncora, gravada, mas coberta por imagens (KLEIN, 2008)

⁸ Situação no final da fala de alguém aparece o som ambiente. (KLEIN, 2008)

O movimento do corpo e partes do rosto, como sobrancelhas e expressões é comum entre as pessoas e são usados com propósitos comunicacionais. Grotowski diz que “o essencial é que tudo deve vir do corpo e através dele. Primeiro, e acima de tudo, deve existir uma reação física a tudo o que nos afeta. Antes de reagir com a voz, deve-se reagir com o corpo. Se o homem pensa, deve pensar com o corpo” (2006, p.67).

As expressões faciais podem acontecer sem que o repórter perceba, segundo Curado “o semblante funciona como indicador de coerência e sinceridade reforçando o que está sendo falado” (CURADO, 2002, p. 66). Isso pode revelar algo que estamos pensando ou, até mesmo, sentindo.

Ainda segundo a autora o corpo transmite mensagens nem sempre coerentes com o que é falado. Isso pode contribuir para o entendimento da mensagem (CURADO, 2002). Em semiótica, a reunião de linguagens num determinado texto é chamada de “sincretismo”. Sincretismo, portanto, é a relação estabelecida entre as linguagens, num determinado texto, e, conseqüentemente, a construção do sentido decorrente dessa relação (CASTRO E SÁ, 2011).

1.5. O telejornalismo como construção social

Para Arbex (2002), além de informar, defender e apresentar fatos com imparcialidade e verdade, o telejornalismo deve cumprir o dever de estimular a sociedade a enxergar os problemas sociais que estão acontecendo.

Segundo Rezende (2000), o telejornalismo

Cumprir um papel relevante por que atinge um público, em grande parte iletrado ou pouco habituado à leitura, desinteressado pela notícia, mas que tem de vê-la, enquanto espera a novela. Em relação aos meios impressos, acontece o contrário: o leitor só lê o que lhe interessa. É justamente por causa desse telespectador passivo que o telejornalismo torna-se mais importante do que se imagina, a ponto de representar a principal forma de democratizar a informação. (REZENDE, 2000, pp. 23-24)

Dessa forma o telejornalismo torna-se uma ferramenta formadora de opinião (REZENDE, 2000). O que chama a atenção desse público, não é o que está sendo dito, mas as imagens veiculadas (REZENDE apud TAVARES, 2010)

Para explicar como as notícias veiculadas na televisão formam opiniões, Tavares (2010) apresenta exemplos práticos como os casos de transmissão de carnaval, onde os fatos recortados pelo jornalista são de festa e alegria. E não abordando problemas inconvenientes

como arrastões, ausência de banheiros públicos, odor desagradável de urina, preços exorbitantes de hospedagem e alimentação, dentre outros percalços que os foliões enfrentam. (TAVARES, 2010)

Segundo Tavares (2010) são exemplos como esse, que transmitidos para todo o Brasil, formam opiniões sobre o que está na tela e se ignora o que não foi mostrado.

Os telejornais promovem uma experiência coletiva e cotidiana de nação. Ao representar os fatos sociais, constroem a realidade social e influenciam na expressão das identidades nacionais (BECKER, 2005). Os textos provocam efeitos de realidade e se confundem com o real porque os personagens são reais e os fatos sociais são a “matéria-prima” da produção. São construídos na tênue fronteira entre a narrativa e o acontecimento e mediante seus dispositivos audiovisuais constituem-se no “espetáculo da atualidade” (BECKER, 2005, p. 22).

Segundo Trevisan (2002) , o jornalismo tem o compromisso de mostrar a diversidade de pensamento da sociedade. Ao seguir este padrão, o telejornalismo pode aumentar ou diminuir preconceitos, ao marginalizar, ou não, os homossexuais diante da sociedade

Em relação a fontes, os autores Harvey Molotch e Marilyn Lester (1974) afirmam que embora os produtores de notícia são os jornalistas, as fontes pressionam o profissional a mudarem o enfoque ou aceitar as notícias produzidas por elas. Dessa forma, o jornalista cumpre um papel apenas de mediador entre quem produz e quem recebe a notícia.

Para Schmitz (2011) o jornalista seleciona o que é relevante ou não e veem as fontes como colaboradoras na produção jornalística. Sendo assim as fontes usam estratégias “para obter visibilidade na esfera pública, legitimar a identidade organizacional ou pessoal e formar uma imagem positiva associada à credibilidade e à boa reputação” (SCHMITZ, 2011, p.14)

Grande parte das informações jornalísticas chega de vários tipos de fontes, que o jornalista usa para reforçar ou confirmar a verdade no relato dos fatos (SCHMITZ, 2011).

As fontes podem ser classificadas como primárias ou secundárias de acordo com seu envolvimento direto ou indireto com o fato (SCHMITZ, 2011). As fontes primárias fornecem “diretamente a essência de uma matéria, como fatos, versões e números, por estar próxima ou na origem da informação. Geralmente revela dados ‘em primeira mão’, que podem ser confrontados com depoimentos de fontes secundárias” (SCHMITZ, 2011, p.24)

As fontes secundárias contextualizam, interpretam, analisam, comentam ou complementam a matéria jornalística, produzida a partir de uma fonte primária (SCHMITZ, 2011, p.24).

Segundo Schmitz (2011) toda informação tem uma origem ou contextualização. Essas fontes, ainda segundo o autor, são chamadas de fonte oficiosa.

Dentro do grupo de fonte oficiosa podemos encontrar a popular, citado por Schmitz Charaudeau (2009) afirma que ela pode aparecer como “vítima, cidadão reivindicador ou testemunha”. A figura da vítima é carregada de noticiabilidade, pois o público se interessa pelo sofredor, injustiçado ou pela desgraça do destino. Já o cidadão busca visibilidade para reivindicar os seus direitos. Além de testemunhar algum fato, essa fonte também é utilizada para contextualizar uma informação na vida cotidiana.

Neste capítulo, foi possível, fundamentados por Rezende (2000), acompanhar um pouco da evolução do telejornalismo. Olga Curado (2002) e Nelson Traquina (2005) ajudaram compreender sobre o processo de produção de uma reportagem. Com a fundamentação teórica nos livros de Santaella (2005) buscou-se compreender as teorias partes da semiótica, o que auxiliou nesta pesquisa. A partir de agora vamos nos aprofundar nos conceitos de Homossexualidade e Identidade.

2. HOMOSSEXUALIDADE

2.1. As origens de quem quebra as regras sociais

Citando Mario Cordeiro, Santos (2012) caracteriza a homossexualidade como uma atração sexual, emocional e afetiva de pessoas de um sexo por pessoas do mesmo sexo. Para Mott (2003), um gay não necessariamente é um indivíduo afeminado, e uma lésbica não deve ser necessariamente uma “machona”. O autor ainda define os homossexuais do sexo masculino como gays, transgêneros e bofes. Segundo o autor essa definição é informal e não científica, aceita pelo grupo em questão (MOTT, 2003)

Mott (2003) divide o grupo “gays” em subgrupos. Os enrustidos são aqueles que não se assumiram para a sociedade, as “bichas fechativas” são aqueles, que ao contrário dos enrustidos, se assumiram para a sociedade. Os assumidos podem ser ainda ativistas ou militantes que defendem os direitos do grupo através de protestos (MOTT, 2003)

Ainda segundo o autor, o grupo transgêneros é constituído por pessoas que assumem o papel do sexo oposto (MOTT, 2003). Para o autor, os transgêneros se sentem no corpo errado e desejam a mudança de sexo. Os travestis podem desempenhar papéis artísticos, fazendo shows em casas noturnas e trabalhar em funções femininas, mas não negam seu sexo (MOTT, 2003). Ainda segundo o autor, os travestis sentem orgulho pelo seu órgão genital, em caso masculino, até podem desempenhar papel ativo na relação sexual. O terceiro grupo é formado por bissexuais, para o autor, eles praticam sexo com pessoas do mesmo sexo, mas assumem, nem pra si mesmo, identidade homossexual (MOTT, 2003)

De acordo com Mott (2003), as lésbicas se denominam entre si de sapatões, ladys, sandalinhas, entendidas, sapatatas, gay e algumas se colocam apenas como gostando do mesmo sexo. Uma das alusões que a sociedade normalmente faz a homossexualidade é tratá-la como doença, como se fosse algo que após tratamento tivesse reversão, e transmissível ao simples convívio. Segundo Mott (2003), o Conselho Federal de Medicina retirou a homossexualidade dos desvios sexuais a partir de 1985 e em 1999 o Conselho Federal de Psicologia confirmou a normalidade da orientação sexual. De acordo com Mueller (2000), a partir de 15 de dezembro de 1973 a homossexualidade foi retirada da lista oficial de doenças psiquiátricas.

2.2. Abordagem na mídia

A abordagem midiática no Brasil em relação aos direitos das minorias sexuais tem se intensificado nas últimas décadas. Um dos fatores é a leva de políticos como o deputado federal e pastor Marco Feliciano, que foi Presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados e o deputado Jair Bolsonaro, que assim como Feliciano é conhecido por declarações homofóbicas e racistas em meios de comunicação diversos. Os debates sobre os posicionamentos de candidatos como estes colocam em pauta a questão da homossexualidade. Podemos então questionar sobre os reais avanços da diversidade sexual conquistadas nos últimos anos.

Segundo Kurtz e Rodrigues (2015), as minorias sexuais foram representadas, durante décadas, por estereótipos de homens afeminados e mulheres gays masculinizadas. Em uma pesquisa sobre essas personagens na Rede Globo, Colling (2007) fez um resumo histórico.

Na década de 70, os gays foram ligados com a criminalidade e a maioria era afeminada, afetada ou baseada em estereótipos. Na década de 80, a emissora começa a alternar personagens afeminados e afetados com personagens ditos “normais”, que não demonstravam nenhum traço que os distinguisse dos demais. Uma parte significativa dos personagens não mantém relação com ninguém e, quando isso ocorre, as cenas de sexo ou mesmo beijos não são exibidos. Ou seja, a televisão não mostra exatamente o principal aspecto que nos diferencia dos heterossexuais: com quem fazemos sexo. Além disso, a partir da década de 90, verificamos que, quando os personagens não são afetados, eles passam a se comportar dentro de um modelo heteronormativo (COLLING, 2007, p. 16)

Para Kurtz e Rodrigues (2015), no momento em que a mídia oferece espaço para que discussões sobre estereótipos aconteçam ela contribui para as discussões democráticas sobre as minorias.

Ainda segundo os autores, existe a visão de que a conformidade dos homossexuais em padrões heteronormativo, são usados para aproximar as minorias sexuais. (KURTZ E RODRIGUES, 2015). Os autores afirmam que a condenação do “diferente” sempre foi uma forma de chamar a atenção para esse “diferente”.

De acordo com o Manual de Comunicação LGBT, escrito pela Associação de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (2010) o termo heteronormatividade é uma expressão utilizada para descrever ou até mesmo identificar uma suposta norma social relacionada ao comportamento heterossexual. Ainda segundo manual esse padrão de comportamento “é condizente com a ideia de que o padrão heterossexual de conduta é o único

válido socialmente e que não seguir essa postura social e cultural coloca o cidadão em desvantagem perante o restante da sociedade” (ABGLT, 2010, p. 12).

Silva e Oliveira (2016) afirmam que a ideologia heteronormativa é uma norma de padrão “social, ético, moral, científico, religioso, político e comportamental construída historicamente como ‘natural’, o gênero e a sexualidade eram, até determinada época, condições predestinadas e padronizadas” (SILVA E OLIVEIRA, 2016, p.2).

Para Foster (2001) a heteronormatividade se caracteriza pela reprodução de prática e códigos heterossexuais. Ainda segundo o autor

Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo, inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar legitimidade às práticas heterossexuais (FOSTER 2011, p19)

O Manual de Comunicação LGBT classifica o heterossexismo como uma “atitude condizente com a ideia de que a heterossexualidade é a única forma sadia de orientação sexual. O termo é utilizado na mesma acepção que caracteriza as palavras racismo e sexismo” (ABGLT, 2010, p. 13).

2.3. Gênero x Sexo, qual a diferença? O papel dos gêneros na sociedade

Para classificar os seres humanos de acordo com a anatomia Nogueira (2001) afirma que se utiliza o termo sexo. Dessa forma um indivíduo é macho e fêmea de acordo com suas particularidades genitais. Essa percepção leva em conta que o organismo dos seres vivos apresenta características estruturais e funcionais peculiares e distintivas entre os machos e as fêmeas.

As percepções o gênero segundo Paechter (2009) as construções em torno do gênero estabelecem fronteiras entre homens e mulheres, normatizando o que é aceitável para cada gênero. Ela considera que a sociedade cria as fronteiras para que se mantenha a ordem das coisas. Para isso são criados códigos de conduta que aceitam, ou discriminam os sujeitos de acordo com seu comportamento de gênero. Esses códigos definem o que homens e mulheres podem fazer (PAECHTER, 2009)

O termo gênero passou a ser utilizado para compreender as diferenças sexuais a partir de 1975 (OLIVIERA e KNÖNER, 2005). Assim o gênero passou a ser uma construção

ideológica em contraposição a sexo, que como vimos é uma característica anatômica (OLIVIERA e KNÖNER, 2005).

Para Jesus (2012), “gênero se refere a formas de se identificar e ser identificado como homem ou como mulher” (JESUS, 2012, p.12). Inda segundo a autora a “orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é ‘naturalmente’ heterossexual” (idem).

A noção de gênero é entendida como relações estabelecidas a partir da percepção social das diferenças biológicas entre os sexos (SCOTT 1995). Essa percepção caracteriza o homem como dominante e que está um nível acima na sociedade (BOURDIEU 1999). Além da dominação masculina, existe outro pensamento binário, que é a relação sexo-gênero ou identidade-sexualidade. Segundo a Jornalista Carolina Cunha (2014), se a pessoa nasce com uma vagina, teria que se relacionar com um homem e ter comportamentos femininos e vice-versa (ou seja, ser heterossexual). Essa divisão de gênero, baseada em mitos que duram até hoje, definem comportamentos do homem e da mulher na vida social (BOURDIEU 1999).

Para Carolina Cunha (2014), embora a definição do que é ser “homem” ou “mulher” tenha surgido a partir de uma divisão biológica, a experiência humana nos mostra que um indivíduo pode ter outras identidades que refletem diferentes representações de gênero (como os transexuais e transgêneros) e que não se encaixam nas categorias padrões. Desta forma a identidade de gênero costuma ser menos compreendida (CUNHA, 2014). Para a autora a identidade de gênero se refere na forma em que o indivíduo se identifica independente do sexo. Esta identificação está relacionada ao papel que o indivíduo tem na sociedade e como ele se reconhece. Assim, essa identidade seria um fenômeno social, e não biológico. (CUNHA, 2014).

Até aqui, autores como Olga Curado (2002) e Nelson Traquina (2005) foram fundamentais para compreender o processo de produção de uma reportagem. Com a fundamentação teórica nos livros de Santaella (2005) abordou-se as teorias relacionadas à semiótica, o que auxiliou nesta pesquisa. No segundo capítulo, fundamentados por Mott, (2003) buscou-se compreender a evolução de visibilidade da minorias sexuais através dos tempos. Através de Kurtz e Rodrigues (2015) tratou-se de como as minorias sexuais foram abordadas pela mídia e Paechter (2009) ajudou para que fosse possível compreender gênero, sexo e identidade. Em seguida, baseado na fundamentação teórica explorada acima, é apresentada a análise de seis reportagens exibidas pela Rede Globo em 2015.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Através de uma análise de conteúdo de seis reportagens veiculadas em três dos principais telejornais da Rede Globo: Bom Dia Brasil; Jornal Hoje e Jornal Nacional, esta pesquisa buscou compreender como foi representada a identidade das minorias sexuais em reportagens dos telejornais da Rede Globo em 2015.

3.1. Corpus

Inicialmente, com o objetivo de realizar uma análise completa dos telejornais da Rede Globo, chegou-se ao total de vinte e nove matérias, notas e reportagens, exibidas de janeiro a dezembro de 2015 nos telejornais em rede pela emissora. Em seguida, o universo de análise foi restringido, tendo como critério os telejornais que exibiram mais de cinco matérias, notas ou reportagens sobre o tema em sua estrutura no período selecionado, restando assim vinte e seis produtos.

Desta forma, como mostra o anexo 14, a amostra ficou composta por quatro notas e sete reportagens do Bom Dia Brasil. Os temas abordados pelo noticiário matutino são relacionados a casamento gay, gênero nas escolas, doação de sangue por homossexuais, parada gay, assassinato de homossexuais e preconceito da Igreja Católica.

O corpus ficou composto também de quatro notas e três reportagens do Jornal Hoje. Os temas abordados são relacionados a direitos homossexuais nos E.U.A., Parada Gay, Casamento Gay e Direito a Pensão entre Casais do Mesmo Sexo.

Fazem parte também do corpus três notas e seis reportagens do Jornal Nacional. Os temas abordados são relacionados a casamento gay, direito dos homossexuais nos E.U.A., assassinato de homossexuais e tolerância a homossexuais pela Igreja Católica. O Hora Um e Jornal da Globo foram descartadas por possuírem conteúdos relacionados a homossexuais inferior a cinco, um dos critérios citados acima. Todos os produtos desta amostra foram exibidos entre janeiro e dezembro de 2015.

Como forma de aprofundar a análise foram escolhidas seis reportagens, duas de cada telejornal. Para selecionar as reportagens foram criados critérios de escolha. Primeiro foi escolhido apenas o formato Reportagem, em seguida, para finalizar a escolha, foi selecionado o critério temporal, sendo a última reportagem do primeiro semestre e a última do segundo

semestre de cada telejornal. Desta forma, chegou-se nas seis reportagens que foram analisadas nesta pesquisa.

Por conseguinte, a amostra de análise ficou composta pelas reportagens: no Bom Dia Brasil: Festa para celebrar o orgulho gay em SP reuniu uma multidão na Avenida Paulista, exibida no dia 08 de junho de 2015 e Escrivã desafia decisão de suprema corte e se recusa a registrar casamento gay nos EUA exibida no dia 02 de setembro de 2015; no Jornal Hoje: Turistas se concentram em São Paulo para participar da Parada Gay, exibida no dia 06 de junho de 2015 e Barack Obama defende os direitos dos homossexuais em discurso no Quênia, exibida no dia 25 de julho de 2015; as reportagens do Jornal Nacional que compõem a amostra de análise são: Suprema Corte dos EUA aprova o casamento gay em todo o país, que foi exibida no dia 26 de junho de 2015 e Escrivã que se recusou a casar dois gays é presa nos Estados Unidos, que foi exibida no dia 3 de setembro.

A escolha da Rede Globo se deu pelo fato de ser o canal aberto líder em audiência no país. Segundo o IBOPE Media Workstation, no ano de 2015 a Rede Globo manteve a audiência de 30% a 40%. A resultado da pesquisa esta disponível no anexo 1. Dessa forma a emissora, fundada em 1965 pela família Marinho, é hoje uma das mais influentes do Brasil. As matérias exibidas pelo canal acabam gerando discussões sobre temas importantes.

As reportagens foram coletadas através de contato direto com o Centro de Documentação da TV Globo (CEDOC) e por uma pesquisa profunda na plataforma de vídeos da emissora, a GloboPlay.

3.2. Método de análise

A análise de conteúdo foi utilizada como metodologia, pois trabalha a palavra, a prática da língua realizada por emissores identificáveis. (BARDIN, 2004)

A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens. (BARDIN, 2004, p. 38)

Esta pesquisa se utilizou da análise de conteúdo através de indicadores qualitativos e quantitativos. Os dados qualitativos incluem informações não expressas em palavras, tais como pinturas, fotografias, desenhos, filmes, vídeos e trilhas sonoras (TESCH, 1990). A

análise de conteúdo permite construir indicadores, como visões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los com a comunidade homossexual.

Segundo Bardin (2004) a análise de conteúdo é composta de três fases distintas: pré-análise, na qual a amostra é escolhida e organizada; e onde deve ser realizada a leitura flutuante do material selecionado, para exploração de indicadores a serem utilizados.

Para Bauer (2002) a técnica utilizada para análise desta pesquisa serve “para produzir inferências de um texto focal, para o seu contexto social de maneira objetivada” (p.191). Segundo ele, a análise de conteúdo reconstrói representações na dimensão sintática, que evidencia o caráter quantitativo da metodologia, descrevendo meios de expressão e influência, observando o vocabulário, a frequência dos termos e as características de estilo e de gramática. E também na dimensão semântica, que traz à tona seus procedimentos mais qualitativos, pois está mais relacionada com as inferências que se fazem a partir das relações entre as palavras. Para Kientz (1973) com a análise de conteúdo as imagens, os modelos, os estereótipos que circulam na cultura de massa podem ser revelados.

A escolha da análise de conteúdo visa identificar a representação de identidade das minorias sexuais em reportagens dos telejornais da Rede Globo em 2015. A análise se dará através da narrativa audiovisual que inclui o texto verbal, as imagens, as fontes, a pauta e a estrutura da matéria.

Com vistas a responder ao problema e aos objetivos que a pesquisa se propõe, foram analisados dados coletados, por meio da análise categorial que conforme Bardin (2010) consiste no desmembramento do texto em categoriais agrupadas analogicamente. Esta opção se deu pelo fato de que a análise categorial é a melhor alternativa quando se quer estudar valores, opiniões, atitudes e crenças, através de dados qualitativos.

Esta pesquisa seguiu três passos. Inicialmente foi realizado uma leitura geral das amostras, caracterizado como fase 01. Em seguida na fase 02 foram identificadas unidades de registro (palavras, frases, parágrafos) para identificar o tema da reportagem. E por fim na terceira e última etapa foi realizada a interpretação e análise de elementos textuais, visuais e estruturais, respaldada no referencial teórico.

Desta forma foi possível analisar matérias dos telejornais nacionais da Rede Globo de televisão em 2015 afim de identificar a representação de identidade empregada as minorias sexuais apresentadas pelos materiais; verificar as formas de tratamento a essas minorias; observar quanto de tempo é usado pelas reportagens para falar sobre homossexualidade e

preconceito; aferir quais as principais imagens capturadas durante o processo de produção e analisar se o jornalista faz o papel social ao conscientizar a população.

4. ANÁLISE

4.1. Análise quantitativa

A amostra geral da pesquisa, alvo da análise quantitativa, é composta por 26 reportagens, notas cobertas e notas peladas. Na tabela 1 pode-se observar que, deste total, 14 são reportagens, 11 são notas cobertas e apenas uma é nota pelada⁹. O telejornal que mais aborda temas homossexuais é o Bom Dia Brasil, o noticiário exibiu o tema 10 vezes durante o ano. O Bom Dia Brasil é exibido e pelas manhãs e possui tempo de duração maior que os demais. Para Secchin (2007), desde o começo, o telejornal teve o cuidado de não repetir meramente as notícias do dia anterior, mas mostrar os fatos com atualidade e antecipação. Essa proposta torna o Bom Dia Brasil um telejornal de furos e ideias, que analisa as notícias através de entrevistas e dos comentaristas (SECCHIN, 2007). Isso pode representar maior visibilidade, mas ao mesmo tempo, dependendo de como a reportagem é analisada, pode dar carga negativa a essas minorias.

	Bom Dia Brasil	Jornal Hoje	Jornal Nacional	total
reportagem	6	3	5	14
nota coberta	4	3	4	11
nota pelada	0	1	0	1

Tabela 1 Tipos de conteúdo – Fonte: Rodrigues, 2016

Segundo um levantamento realizado no decorrer da pesquisa, somando os tempos de duração dos noticiários, ao todo, são exibidas aproximadamente 376 horas de informação pelos três telejornais analisados. Desse total, apenas 44 minutos e 55 segundos foram dedicados aos assuntos ligados à homossexualidade em 2015. Nesse tempo, os telejornais trataram de diversos assuntos, o mais abordado é o casamento gay, como mostra a tabela 2. O tema foi pauta 13 vezes, 5 no Bom Dia Brasil, 3 vezes no Jornal Hoje e 5 no Jornal Nacional. A Parada Gay foi a segunda pauta mais abordada, 4 vezes no total. Em duas vezes o tema se refere um atentado que aconteceu na Parada Gay de Jerusalém.

⁹ Nota pelada é o termo utilizado no telejornalismo quando o apresentador lê uma notícia sem o auxílio de imagem (ARAÚJO, 2004).

	Bom Dia Brasil	Jornal Hoje	Jornal Nacional	total
casamento gay	5	3	5	13
Igreja Católica	1	-	2	3
Parada Gay	2	1	1	4
Saúde	1	-	-	1
Beijo em escola	1	-	-	1
Obana no Quênia	-	1	1	2
pensão	-	2	-	2

Tabela 2 Temas abordados - Fonte: Rodrigues, 2016

O Bom dia Brasil empatou com o Jornal Nacional ao falar sobre casamento gay. Os noticiários exploraram 5 vezes o tema cada um. Como lembra Squirra (1990), o horário determina o público almejado e influencia diretamente a forma e o conteúdo da edição a ser realizada. Para o autor, um telejornal das 13 h tem um público, e, conseqüentemente, estilo e formato diferentes de um telejornal das 08 ou ainda das 11 da noite. Citado por Klein (2008), Herreros afirma que em uma matéria inferior a um minuto “supõe uma menor importância do fato e uma redução dos elementos destacáveis” (HERREROS, 1998, p. 186 apud KLEIN, 2008). O autor destaca ainda que uma reportagem superior a dois minutos atribui maior valor aos fatos e permite um tratamento mais profundo. Baseados nessa afirmação, é possível destacar que o casamento gay foi considerado tema importante pelos três telejornais analisados, ao contrário dos demais assuntos que não obtiveram espaço semelhante.

Apresentada a análise quantitativa das 26 reportagens do corpus geral, partiremos agora para a análise de conteúdo qualitativa das seis reportagens delimitadas acima a fim de compreender como foi representada a identidade das minorias sexuais em reportagens dos telejornais da Rede Globo em 2015.

4.2. Suave na nave - Bom Dia Brasil

Criado no dia 3 de janeiro de 1983, o Bom Dia Brasil surgiu do Bom Dia São. A proposta era ser um noticiário com essencialmente político, econômico, transmitido de Brasília e com 30 minutos de duração (SECCHIN, 2007)

Em março de 1996 o telejornal ganha o formato de tele-revista. Em outubro de 2001, o programa ganha um cenário “descontraído, ambientado com sofás e mesa, no estilo de uma

sala de estar, onde os apresentadores fazem comentários e entrevistas e conversam com os colunistas do jornal” (SECCHIN, 2007, p.24)

Segundo Vitor Secchin (2007) o Bom Dia Brasil teve o cuidado, desde o começo, para não apenas repetir as notícias do dia anterior, mas apresentar os fatos com atualidade e antecipação. O autor afirma ainda que esta proposta se mantém até hoje, “o que torna o Bom Dia Brasil um telejornal de furos e ideias, que sempre analisa as notícias através de entrevistas e dos comentaristas” (SECCHIN, 2007, p.24)

4.2.1 Reportagem: Festa para celebrar o orgulho gay em SP reuniu uma multidão na Avenida Paulista

A reportagem Festa para celebrar o orgulho gay em SP reuniu uma multidão na Avenida Paulista, disponível no anexo 2, foi exibida no dia 08 de junho de 2015, segunda feira.



Figura 1 (Reprodução Rede Globo - Festa do orgulho gay)

O apresentador Rodrigo Bocardi anuncia a reportagem: “A festa para celebrar o orgulho gay em São Paulo reuniu segundo os organizadores, dois milhões e oitocentas mil pessoas”. O apresentador chama a correspondente, ao vivo do estúdio em São Paulo, Glória Vanique e continua: “A estimativa oficial da secretaria de segurança fala em quatrocentas mil pessoas, independente aí do número, o que importa é que teve muita festa né!”

A correspondente chama a reportagem do estúdio de São Paulo, ao vivo, apresentando então o tema da 19ª Parada Gay de São Paulo: “eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser

sempre assim, respeitem-me. Embalados pelo som dos trios elétricos os participantes dançaram, desfilaram fantasias e reivindicaram direitos”.

A reportagem de Phelipe Siani inicia mostrando homens travestidos de mulher, afeminados e com uma frase: “Foi um dia pra sair do armário, a sua roupa mais elegante”, assim ele continua apresentando algumas fantasias dos participantes. “De caveira engravatada a garçom calorento...”. Ao mostrar essas imagens nota-se que não estamos falando de gays que seguem padrões heteronormativos, ou seja, que não praticam comportamentos heterossexuais (ABGLT, 2010). Podemos perceber que aqui, mostrando as fantasias que estão sendo faladas, confirmamos a afirmação de Verón (2004) que diz, que as imagens são uma espécie de testemunha dos acontecimentos.

Na sequência é introduzida a primeira sonora que não é creditada e apresenta um participante com o rosto maquiado de azul, cílios postiços, um colar de prendedores de roupa, pulseira feita com emaranhado de canos e um turbante de sacos pretos e latas, como mostra a imagem ”a” do anexo 3. Nesta entrevista ele explica o significado de sua fantasia, a mesma “é um alerta a falta de água no planeta”.

Após a primeira sonora o repórter continua falando sobre peças de fantasias, desta vez enfatizando os sapatos. “o domingo foi também de abraços apertados, sorrisos largos e pés acabados de tanto dançar com os calcanhares tão longe do chão”. Aqui é reforçado a ideia de que, as pessoas que participam desta parada não seguem as normas sociais estabelecidas. Após falar sobre dançar de salto alto, aparece a segunda sonora, também não creditada onde o participante aparece de boné, camiseta cavada e salto alto. Nesse momento o entrevistado comenta que andar de salto “tá doendo demais é incrível como as mulheres conseguem”. Após um *off* curto sobre roupas quentes é introduzido outra sonora também sem créditos com um rapaz vestido de gueixa, como mostra a imagem “b” do anexo 3, que segundo o dicionário são mulheres treinadas a entreter artisticamente seus clientes em casas de chá, jantares, banquetes, festas entre outros, que fala do calor na avenida.

Na sequência o repórter continua falando, em *off*, sobre as fantasias utilizadas pelos participantes e pela primeira vez na reportagem, cita de forma indireta o preconceito. Ele usa a imagem de um participante com uma máscara cheia de fitas tirando elas do rosto, como mostra a imagem “c” do anexo 3, e diz: “Isso, mostra a cara, afinal aqui ninguém vai julgar ninguém, você é o dono das suas próprias vontades”.

Na sequência o repórter fala sobre educação “desde muito cedo” e introduz a sonora de Márcia Lopes, imagem ”d” do anexo 3, que fala sobre educação. A empresária levou a filha

de onze anos e está grávida. Após a sonora sobre respeito desde a infância, Siani argumenta: “e se um bebê que ainda nem nasceu já abraça essa causa, porque uma avenida como a Paulista não pode fazer o mesmo?”. Em seguida ele informa que a parada recebeu 18 trios elétricos, que as entradas dos prédios viraram bar e as sacadas camarotes “da parada mais em movimento que eu já vi”.

Na sequência, o repórter introduz duas sonoras de pessoas de fora da parada que estão apreciando o evento. A primeira diz que ficou feliz em ter levado a filha e a segunda comenta: “aqui tudo é diferente”. Logo depois faz a passagem na avenida Paulista: “essa é uma comemoração de pessoas, acima de tudo uma festa de gente que quer e merece respeito”, e prossegue, “gente que veio aqui celebrar um orgulho gigantesco do tamanho de uma Avenida Paulista inteirinha”. No trecho final o cinegrafista tira o repórter de quadro e mostra a Avenida Paulista.

A última sonora da reportagem é de Marilza Nunes, a cabeleira comenta que levou a filha para mostrar à ela como é o mundo, para ela “todo mundo tem que ser feliz”. Na sequência, mostrando homens de mão dadas e abraçados, o repórter finaliza afirmando “ser feliz, essa sim é a mais importante das opções”. O depoimento favorável a Parada desta fonte pode ser enquadrado na ideia de que as fontes usam estratégias “para obter visibilidade na esfera pública, legitimar a identidade organizacional ou pessoal e formar uma imagem positiva associada à credibilidade e à boa reputação” (SCHMITZ, 2011, p.14).

Novamente no estúdio a apresentadora Gloria Vanique associa um confronto entre policiais e manifestantes ao evento, mesmo que o fato não tenha acontecido no momento da Parada. Ela informa que depois que a “parada já tinha acabado teve confusão na esquina da Paulista com a Consolação” e que durante a parada “teve uma quadrilha de peruanos que foi presa roubando”. A apresentadora de São Paulo retorna ao estúdio do Rio e a jornalista Ana Paula Araújo comenta que “é uma pena (...), mas dois episódios isolados não mancham nada o que foi a festa da Parada Gay em São Paulo” e continua, “adorei também ver as famílias participando né, a luta contra o preconceito tem que ser de todos”. Nesse momento o apresentador Rodrigo Bocardi comenta sobre a fala de Ana Paula que “o mundo deve ser feliz”.

4.2.1.2 Análise da reportagem

A reportagem completa teve ao todo quatro minutos e trinta segundos. Nesse tempo foram inseridas sonoras de sete pessoas. Duas delas eram homens travestidos e afeminados, um usava roupas masculinas e salto alto e o restante eram mulheres que foram conferir a parada um pouco mais de perto. Nenhuma sonora de homens afeminados possui crédito¹⁰, isto pode ser considerado uma forma de não identidade dessas minorias.

Para construir a reportagem foram utilizadas quarenta e duas imagens. Dezoito delas mostravam homens travestidos, chamados pela reportagem de fantasias, e afeminados. Pessoas que fugiam deste estereótipo apareceram em treze imagens, em imagens com foco aberto ou em segundo plano.

O assunto mais abordado da reportagem é a fantasia dos participantes. A única informação mais precisa dada pelo repórter é quantidade de trios elétricos que participaram. Apenas na chamada da matéria é informado o tema da 19ª Parada Gay, em nenhum outro momento fala sobre o real tema do evento. A explicação do motivo da parada é apresentada, não de uma forma clara, apenas na passagem e nas quatro últimas sonoras.

A palavra festa foi o segundo substantivo mais citado para mencionar a Parada Gay, ela foi mencionada quatro vezes perdendo apenas para o termo parada, que foi citado cinco vezes. A palavra comemoração também foi usada para descrever o evento.

Um dos objetivos da Parada Gay é diminuir o preconceito, durante toda a reportagem essa palavra apareceu cinco vezes e foi dita em sua maioria pelas sonoras. Palavras como luta, direitos, respeito, orgulho também foram citadas.

4.2.2. Reportagem: Escrivã desafia decisão de suprema corte e se recusa a registrar casamento gay nos EUA

A reportagem Escrivã desafia decisão de suprema corte e se recusa a registrar casamento gay nos EUA, disponível no anexo 4, foi exibida no dia 02 de setembro de 2015, quarta-feira.

¹⁰ Crédito é apresentação do nome e função de alguém que aparece na tela por um gerador de caracteres, conhecido como GC (ARAUJO, 2004).



Figura 2- (Reprodução Rede Globo - Escrivã desafia a lei)

Na cabeça da notícia a Apresentadora Ana Paula Araújo afirma, “tem polêmica nos Estados Unidos”. Com esta frase a jornalista problematiza o tema da reportagem, o casamento gay. Como lembra Rezende (2000) o que está sendo dito chama a atenção do telespectador, isso faz com que o telejornalismo seja uma ferramenta formadora de opinião (REZENDE, 2000). O que está sendo veiculado chama a atenção do telespectador. Desta forma introduz a reportagem informando que alguns cartórios norte americanos se recusam a fazer certidões e “estão desafiando a lei”.

O repórter inicia a matéria com imagens de um cartório lotado de jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas acompanhando uma discussão entre casais gays e uma escritã. Verón (2004) afirma que as imagens então, são uma espécie de testemunha dos acontecimentos. Desta forma o jornalista apresenta a primeira fala: “Quando dois casais gays chegaram pra registrar o casamento deles ouviram da escritã; não estamos fazendo certidões de casamento hoje”. Quando o repórter cita a fala da escritã é utilizado *sobe som*. Utilizando o mesmo recurso é dado continuidade em breve diálogo entre os casais e a escritã. O recurso *sobe som* utilizado neste dialogo ajuda a dar legitimidade a fala do repórter.

Após um pequeno *off* informando sobre a legalização do casamento gay nos Estados Unidos, o repórter comenta que a decisão “tem sido confrontada por convicções individuais”. Neste trecho aparecem pessoas com cartazes contra o casamento gay. Na sequência aparece na imagem um mapa com três estados marcados com a legenda “registro recusado”. Segundo o repórter, essa informação é dada por “ativistas gays”.

Após um *off* curto informando que manifestantes contra e a favor da escritã ocupam o fórum de Kentucky, o repórter faz a passagem em uma rua de Nova York durante a noite, como mostra a imagem “a” do anexo 5. O foco fica apenas no repórter, não sendo possível

identificar o local exato onde está sendo gravado. Nela o repórter fala sobre uma declaração divulgada pela escritã em que diz “que registrar a união de casais gays vai contra o que Deus definiu como casamento e que se ela assinasse essas certidões, estaria violando a própria consciência”.

É utilizado apenas duas sonoras na construção da reportagem, uma delas é um amigo da escritã. Ele aparece apenas quatro segundos na tela, usando terno e sem créditos, como pode ser verificado na imagem “b” do anexo 5. Na fala dele também é utilizado sobre som e o repórter traduz simultaneamente, “ela decidiu que se tiver que ser presa vai ser”.

A última sonora é utilizada para encerrar a matéria. O repórter introduz em *off*: “Este rapaz, um dos que não conseguiram se casar desabafa”. Na fala também é utilizado o recurso de sobre som. Ele aparece sem crédito, em close-up¹¹ com os olhos vermelhos, como mostra a imagem “c” do anexo 5, e dizendo: “Eles não ligam se é lei ou não, simplesmente não gostam dos gays e não querem que eles se casem”. Para Champagne (1998) “As imagens exercem um efeito de evidência muito poderoso”. Elas ajudam a criar “uma realidade indiscutível” (CHAMPAGNE, 1998, p. 62)

4.2.2.1 Análise da reportagem

A reportagem completa teve ao todo um minuto e cinquenta e quatro segundos. Nesse tempo foram inseridas sonoras de duas pessoas. Uma era de um homem, amigo da escritã, ele usava terno, gravata e camisa vermelha, não foi creditado e aparece quatro segundos. O segundo é utilizado para encerrar a reportagem. Tratasse de um gay que tentou registrar o casamento e não conseguiu. Dentro do grupo de fonte oficioso podemos encontrar a popular, citado por Schmitz, Charaudeau (2009) afirma que ela pode aparecer como “vítima, cidadão reivindicador ou testemunha” (CHARAUDEAU apud SCHMITZ, 2011, p. 49). Ele usava uma camiseta polo azul, não foi creditado e aparece com os olhos vermelhos em enquadramento *close-up*. Um dos recursos mais utilizados na construção da reportagem é o sobre som. Além das sonoras também é usado sempre em que aparecem imagens do cartório lotado.

Para construir a reportagem além da passagem, foram utilizadas vinte e seis imagens. Para Klein (2008) as imagens são capturadas em uma determinada perspectiva e enquadrada de alguma forma pelo cinegrafista. Essas imagens são produzidas a partir de perspectivas que

¹¹ Close-up é um enquadramento de câmera onde aparece apenas o rosto (SILVA, 2005)

os agentes possuem sobre os sujeitos dos acontecimentos e que geralmente circulam no meio social. (KLEIN, 2008, p. 79). Nove das imagens exibidas na reportagem, a maioria, mostram o bate-boca entre casais gays e a escritã com o cartório cheio de cinegrafistas fotógrafos e repórteres. Dessa forma legitima a classificação dada pela apresentadora na cabeça da matéria, ela diz que o casamento gay é polêmica nos Estados Unidos. Para Champagne (1998) “as imagens exercem um efeito de evidência muito poderoso”. Elas ajudam a criar “uma realidade indiscutível”. Foram mostradas também seis imagens de cartazes bandeiras e manifestantes a favor do casamento gay e cinco contras

A palavra “gay” é a mais citada na reportagem, sete vezes no total, na maioria das vezes acompanhada de “casamento”, seis vezes citada. Três delas de forma negativa e duas a favor.

Além do caso da escritã a informação mais relevante é que de que três estados se recusam a registrar casamentos gays. A fonte citada nessa informação são os ativistas gays, em nenhum momento é citados fontes oficiais.

4.3. Que deselegante - Jornal Hoje

No ar desde o dia 21 de abril de 1971, o Jornal Hoje é um dos mais antigos telejornais da Rede Globo. Inicialmente era exibido apenas no Rio de Janeiro. Só em junho de 1974, passou a ser exibido em todo o território nacional.

Inicialmente o Hoje contava com as crônicas de Rubem Braga, que relatavam as peculiaridades do cotidiano brasileiro. Trazia as novidades e tendências de vários ritmos de música com o jornalista e compositor Nelson Motta. Além de dar espaço a Rubens Ewald Filho, para atualizar o telespectador com as produções exibidas nas telas do cinema. (SECCHIN, 2007)

Segundo Vitor Secchin (2007) o formato adotado pelo Hoje aproximou o olhar feminino no telejornalismo e mostrou pela primeira vez repórteres sem gravata e com cabelos compridos.

Citando Informações do site, Secchin (2007) afirma que

“O Hoje acompanhou as grandes conquistas, as grandes tragédias e os principais fatos do Brasil e do mundo. Sob o comando de Willian Bonner, Fátima Bernardes e Mônica Waldvogel, registrou as transformações da economia e da política do país” (SECCHIN, 2007, p.27)

Em 2013 o Jornal Hoje muda a linguagem e o conteúdo e se torna um telejornalista, proposta que se mantém até hoje. Com entrevistas especiais, gravadas e ao vivo; temas de comportamento humano, social e ético ganham espaço, além de reportagens sobre arte e cultura; a linguagem por sua vez torna-se mais coloquial (SECCHIN, 2007).

4.3.1. Reportagem: Turistas se concentram em São Paulo para participar da Parada Gay

A reportagem Turistas se concentram em São Paulo para participar da Parada Gay, disponível no anexo 6, foi exibida no dia 06 de junho de 2015, sábado.



Figura 3-(Reprodução Rede Globo – Com que roupa eu vou?)

“A cidade de São Paulo tá bombando viu”. Assim a apresentadora Monalisa Perrone inicia a introdução da reportagem, que fala sobre a parada gay. Ainda na cabeça é informada a estimativa de pessoas esperada pelos organizadores. Em seguida a apresentadora levanta da bancada e dirige-se até o telão, no caminho chama o repórter Felipe Guedes ao vivo. “Hoje só tem uma pergunta né! Tá tudo e todo mundo pronto? Boa Tarde”

Sorridente, ao vivo, o repórter comenta que está “quase tudo pronto, tem coisa que tem que ser feito de última hora mesmo”. Em seguida informa que a Avenida Paulista está em obras e só vai dificultar a passagem de um canteiro ao outro da avenida, neste momento a câmera mostra os tapumes no meio da Avenida. Enquanto o repórter volta a ser enquadrado pela câmera ele informa que serão dezoito trios elétricos e comenta: “a festa aqui na Paulista só termina quando o ultimo trio passar.” O repórter continua falando sobre a busca por

fantasias na rua Vinte e Cinco de Março que segundo o repórter, “ficou lotada de gente comprando fantasias”.

No início da reportagem, mostrando dois homens saindo da sala de desembarque em meio a outras pessoas, imagem “a” do anexo 7, a repórter apresenta dois turistas, gays, que segundo ela foram encontrados em meio “a multidão de turistas chegando a São Paulo”. Os dois vieram de Curitiba e para a repórter estão “loucos e preparados para aproveitar muito”

Um dos rapazes afirma: “São Paulo vai ficar pequena pra gente”. Em seguida os dois falam o que trouxeram para se preparar para o evento. Eles comentam que na mala tem “laque, secador”. Para completar, na edição é selecionado um trecho bem curto onde um dos rapazes fala que também trouxe maquiagem. Este trecho é visivelmente editado, a manipulação evidencia comportamentos não heteronormativos.

Depois de um minuto e trinta e sete segundos um dos rapazes é creditado, Daniel Silva, o promotor usa uma camiseta estampada com a palavra conduta em cima de uma fita cassete, uma camisa xadrez vermelha com tons de azul e bermuda. Na entrevista ele conta que quer ir na Vinte e Cinco de Março e tem medo de ser levado pela quantidade de pessoas.

Em meio a rua Vinte e Cinco, a repórter Graziela Azevedo, começa a passagem. Com os braços levantados, imagem “b” anexo 7, ela diz: “Hei, tá me vendo aqui? ”, acompanhando os passos das pessoas ela continua: “Então, a gente até podia imaginar que ia tá cheio, mas o Daniel e o Cristian nem sonhavam que a Vinte e Cinco ia tá assim, completamente lotada, pra alegria dos comerciantes daqui”.

Mostrando os dois chegando fazer compras a repórter diz em *off*: “o que começou com um pouco de medo...” e na sequencia insere uma sonora do Daniel comentando, com o rosto impressionado, que a rua “tá parecendo um formigueiro”. Em seguido em um *off*, a repórter finaliza a frase dita antes da sonora: “logo virou festa!”. Nesse momento utiliza sobre som com o barulho da Vinte e Cinco e mostra o Daniel provando chapéus e pulando. De acordo com Santaella (2005, p. 53) “à imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem”.

Após um *off* curto sobre a forma de tratamento do comerciante com a clientela é inserida a próxima sonora. Em meio a plumas coloridas, o fiscal de loja comenta que gostou “desses eventos ai”, a repórter intervém: “gostou? O senhor gosta?”, então o José responde dizendo que ajuda o comércio. O fiscal diz ainda que os produtos em cores arco-íris são todos vendidos. A intervenção da repórter pode ser compreendida aqui como uma forma de induzir uma resposta positiva ao evento.

Em seguida é inserido mais uma sonora. A repórter apresenta dois rapazes que também vão para a parada. Um deles tem cabelo rosa e gestos delicados e outro mais sério usando óculos e camisa xadrez em tons azul e marrom, imagem “c” anexo 7, nenhum é creditado. Apenas o rapaz de cabelo rosa fala, ele mostra peças de roupa que procuram nas lojas. A escolha pela sonora evidencia ainda que os participantes da Parada Gay não seguem padrões heteronormativos.

Em um *off* a repórter diz: “e se tem quem não gosta...” e na sequência insere a sonora de Elói Moreti, o empresário diz que é loucura ir onde tem uma multidão de pessoas fazer compras e completa: “mas é barato”. Mostrando o Daniel dançando em uma loja, a repórter completa a frase do *off* anterior: “tem quem começa e não quer mais parar”. Este trecho também se enquadra na ideia de Santaella (2010) de que a imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem.

4.3.1.1. Análise da reportagem

A reportagem completa teve ao todo três minutos e cinco segundos. Nesse tempo foram inseridas sete sonoras. Quatro delas são dos jovens Daniel e Cristian. Dos dois Outras são de uma dupla de jovens que também estavam a procura de roupas para a Parada Gay, nenhum dos dois é creditado. Apenas o rapaz de cabelo rosa fala, ele mostra peças de roupa que procuram nas lojas. As duas sonoras restantes são de funcionários de lojas da rua Vinte e Cinco de Março.

Para construir a reportagem foram utilizadas vinte e seis imagens. Oito delas mostram a dupla Cristian e Daniel, comprando, provando e dançando nas lojas. Os dois aparecem ao todo em doze imagens. As demais imagens são de sonoras e das lojas da Vinte e Cinco de Março.

O assunto mais abordado da reportagem é a busca por fantasias na rua Vinte e Cinco de Março. Na reportagem o comércio foi intensamente explorado, as sonoras dos comerciantes reforçam esta ideia. Informações mais claras sobre a Parada Gay são transmitidas ao vivo pelo repórter na Avenida Paulista, antes da reportagem começar. Ele informa o horário da concentração e a quantidade de trios elétricos que participaram da parada. Em nenhum momento foram apresentados dados como aumento de faturamento, aumento de clientes ou quaisquer outras informações sobre comércio.

4.3.2. Reportagem: Barack Obama defende os direitos dos homossexuais em discurso no Quênia

A reportagem Barack Obama defende os direitos dos homossexuais em discurso no Quênia, anexo 8, foi exibida no dia 25 de julho de 2015, sábado.



Figura 4- (Reprodução Rede Globo - Obama no Quênia)

Na cabeça da reportagem a apresentadora Zileide Silva informa, em ritmo acelerado, que o presidente americano Barack Obama defendeu os direitos dos homossexuais em um discurso no Quênia. A jornalista lembra que vários países africanos consideram os gays criminosos. Para introduzir a reportagem, Zileide completa: “os quenianos estão fazendo festa para Obama desde ontem, quando ele desembarcou no país”.

Mostrando o presidente americano, Barack Obama, desembarcando do avião, a repórter afirma que a viagem “vai muito além de uma missão presidencial”. Em seguida, imagens de outdoor e camisetas com o rosto de Obama são mostradas, imagem “a” do anexo 9. A reportagem segue mostrando como os quenianos se prepararam para receber Obama, mostra também uma chefe de cozinha que fez um bolo com as cores da bandeira americana e diz: “quando a família vem a nossa casa, a gente sempre prepara um doce”.

Em seguida, utilizando *off* e mostrando uma foto do pai de Barack Obama, a repórter fala das origens do presidente. Na sequência é informada como Nairóbi, a capital do Quênia, preparou o esquema de segurança para receber Obama. A repórter também comenta que a aldeia onde vive as origens do presidente também se preparou para recebe-lo. Uma entrevista com a meia irmã de Barack Obama é usada como sonora, ela diz que todos vão entender caso ele não consiga visita-los, segundo ela o trabalho dele é mais importante.

Na passagem a repórter Lilia Teles, em Nova York, lembra que durante a campanha presidencial o presidente americano foi acusado de ter nascido no Quênia, dia ainda que Obama provou ter nascido no Havaí e reconhece as origens africanas. Ainda na passagem, a repórter informa que a visita irá tratar assuntos como economia, democracia e segurança no Quênia e Etiópia.

4.3.2.1. Análise da reportagem

A reportagem completa teve ao todo dois minutos e onze segundos. Nesse tempo foram utilizadas apenas imagens de emissoras internacionais, como a CNN. A passagem da repórter foi gravada em Nova York (imagem “b” do Anexo 9), a mais de 11 mil quilômetros de distância da notícia.

Na cabeça da reportagem, a informação passada era sobre um discurso de Obama a favor dos direitos homossexuais. Em nenhum momento na estrutura da reportagem esse assunto é abordado. O principal tema da reportagem é a forma com os quenianos receberam o presidente americano Barack Obama. As informações contidas na cabeça não condizem o conteúdo da reportagem. O noticiário introduz o tema sobre os direitos dos homossexuais, mas não aborda o assunto.

4.4. Até Homer Simpson entende - Jornal Nacional

O Jornal Nacional, primeiro programa em rede do país, ia ao ar no dia 1 de setembro de 1969. Foi o primeiro telejornal a transmitir ao vivo uma guerra, a Guerra do Golfo em 1991 (SECCHIN, 2007).

Segundo Secchin (2007) a chegada de Fatima Bernardes em 1998, formando dupla com Willian Bonner deu uma cara de “jornal família” ao telejornal.

De acordo com uma pesquisa da Revista Veja de 2004, o telespectador do Jornal Nacional não quer perder tempo com coberturas irrelevantes e nem ver imagens de impacto (SECCHIN, 2007)

O público do jornal prefere notícias sobre saúde, cultura e descobertas científicas e valorizam o fato de o JN trazer um resumo das notícias do dia, incluindo assuntos “áridos” como economia e política. (SECCHIN, 2007, p.29)

4.4.1. Reportagem: Suprema Corte dos EUA aprova o casamento gay em todo o país

A reportagem Suprema Corte dos EUA aprova o casamento gay em todo o país, anexo 10, foi exibida no dia 26 de junho de 2015, sexta-feira.



Figura 5- Reprodução Rede Globo - Casamento Gay é comemorado

Para chamar a reportagem a apresentadora Renata Vasconcelos informa que a Suprema Corte dos Estados Unidos decidiu, que “a Constituição americana garante às pessoas do mesmo sexo, o direito de se casar.”

No início da reportagem, o repórter fala da comemoração feita pela comunidade gay após a decisão ser anunciada. Para ilustrar o *off* é usado imagens da comunidade gay comemorando a decisão, imagem “a” do anexo 11. Como lembra Champagne (1998) as imagens exercem um efeito de evidência muito poderoso.

O repórter, ainda em *off*, informa que a legalização venceu por cinco votos a quatro. Em seguida o Luiz Fernando Silva Pinto faz a passagem, ela acontece em frente a Suprema Corte americana, em Washington, em meio a comunidade gay, imagem “b” do anexo 11.. Ele diz que de acordo com a Suprema Corte americana não pode haver exceção e “duas pessoas do mesmo sexo tem o direito de se casar em todo o território nacional”. Os movimentos do repórter são marcados de acordo com a pontuação das frases.

Em seguida, mostrando duas jovens se abraçando e chorando, imagem “c” do anexo 11, elas são apresentadas sem créditos. Segundo o repórter, as jovens estão emocionadas e dizem que agora o casamento é no país inteiro. Na fala de uma das mulheres é utilizado sobre som e o repórter traduz sobre o áudio ambiente. A emoção ressaltada pelo repórter na fala das jovens é lembrada por Schmitz (2011) ao afirmar, citando Charaudeau (2009), que a figura

da vítima é carregada de noticiabilidade, pois o público se interessa pelo sofredor ou injustiçado. Na sequência, é introduzida outra sonora utilizando o mesmo recurso de *sobe som*, nela um jovem chamado Nass diz que “a decisão não favorece apenas os gays, é uma questão de direitos humanos, essa é uma grande vitória para a igualdade”, imagem “d” do anexo 11. O jovem não é creditado e veste uma camiseta vermelha estampada com a frase “*it's time for marriage equality*”, no português quer dizer “é hora para a igualdade do casamento”.

Na sequência, mostrando a comunidade gay reunida em frente a Suprema Corte, o repórter fala um trecho da sentença escrita pelo juiz: “a comunidade gay não buscou esse direito para atacar o casamento tradicional, mas sim para valorizar a união mais importante que existe entre duas pessoas”. Logo depois é apresentado um trecho do discurso do presidente americano, Barack Obama sobre a decisão. Segundo o repórter, Obama “disse que a decisão comprova o que já era uma convicção para milhões de cidadãos. Quando a lei trata a todos de uma forma igual, todos são mais livres”. No fim da tradução do repórter é utilizado *sobe som* na fala de Obama.

Em seguida o repórter mostra Jim Obergefell, que durante uma entrevista recebeu um telefonema do presidente americano. Na ligação Obama diz: “estou orgulhoso de sua vitória”. Em *off* o repórter explica que foi ele quem levou a causa a mais alta Corte Americana. Jim queria aparecer como marido no atestado de óbito de John, os dois estavam juntos há mais de vinte anos. Para o repórter, “ele ajudou a mudar a história do país”.

4.4.1.1. Análise da reportagem

A reportagem completa teve ao todo dois minutos e sete segundos. Nesse tempo foram inseridas duas sonoras de duas jovens, eles não possuem créditos e aparecem onze segundos na tela. Outra é de um rapaz gay, ele também não possui crédito e aparece doze segundos. A outra é de Jim Obergefell. A sonora de Jim é de uma rede de televisão americana. Um dos recursos utilizados na construção da reportagem é o *sobe som*, ele foi utilizado no pronunciamento do presidente Barack Obama. Este recurso ajuda para legitimar o que está sendo dito no *off*. O presidente aparece na tela, apoiando a decisão, por dezesseis segundos. Outro momento em que foi utilizado o recurso é em uma entrevista coletiva de Jim, imagem “e” do anexo 11, utilizado para encerrar a reportagem, acompanhado de imagens da comunidade gay comemorando em frente a Suprema Corte.

Além da passagem, foram utilizadas dezenove imagens, nove delas, a maioria, são de cartazes, bandeira coloridas e da comunidade gay comemorando em frente a Suprema Corte Americana. Jim, que levou a causa até a mais alta corte americana aparece em quatro imagens. As demais imagens são do presidente Obama e dos juízes da Suprema Corte.

A palavra direito é a mais citada na reportagem, quatro vezes, em uma delas refere-se aos direitos humanos. A palavra casamento, tema da reportagem, é citada apenas duas vezes, uma refere-se ao casamento tradicional. O verbo casar foi conjugado duas vezes, as palavras gay, constituição, decisão e vitória também foram citadas duas vezes na reportagem.

4.4.2. Reportagem: Escrivã que se recusou a casar dois gays é presa nos Estados Unidos

A reportagem Escrivã que se recusou a casar dois gays é presa nos Estados Unidos foi exibida no dia 03 de setembro de 2015, quinta-feira.



Figura 6 - Reprodução Rede Globo - Escrivã se recusa a casar gays

Na cabeça da notícia, o apresentador Willian Bonner, com o rosto sério, diz que uma escrivã americana foi presa por descumprir uma decisão da Suprema Corte americana que regulamenta o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

A repórter inicia a reportagem com imagens de um cartório lotado de jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas acompanhando uma discussão entre casais gays e uma escrivã, com a frase: “na hora do sim ela disse não”. Em seguida ela dá a mesma informação da cabeça da reportagem. Ainda mostrando a discussão, a repórter cita uma fala do juiz, para ele as “convicções pessoais não podem estar acima da lei”.

Segundo a repórter, a escritã alega que “o casamento gay não é reconhecido por Deus”. Ainda mostrando a discussão e com áudio ambiente a repórter traduz simultaneamente parte da discussão: “não estamos fazendo certidões de casamento hoje, disse a escritã. O noivo David perguntou: “sob que autoridade?”, e ela respondeu: “sob a autoridade de Deus!”.

A repórter Sandra Coutinho faz a passagem em Nova York, não é possível saber o local exato, imagem “a” do anexo 13. Sandra informa que nos Estados Unidos a certidão é feita por funcionários públicos eleitos pelo povo e só pode ser retirado do cargo por impeachment. Os movimentos da repórter são marcados de acordo com a pontuação das frases.

Após a passagem, a repórter volta com imagens do cartório e diz que a escritã está em seu quarto casamento, para comprovar a fala é utilizado sobe som com um dos casais com três dedos levantados e dizendo “três divórcios”. Em seguida o jovem completa, “nós estamos juntos há vinte anos”.

Em seguida em *off* e imagens de arquivo de gays em frente a Suprema Corte, a repórter lembra que o casamento gay foi permitido nos cinquenta estados americanos, mas Kin Davis, a escritã nunca assinou uma certidão de casais gays. Ainda utilizando *off* e com imagens da escritã presa, imagem “b” do anexo 13, ela informa que Kin entrou na justiça, perdeu, recorreu e foi presa.

Mostrando imagens de manifestantes a favor de Kin, imagem “c” do anexo 13, a jornalista diz, em *off*, que a escritã não está sozinha. Ela informa que em mais dois estados também tem escritãs que usam a religião para descumprir a lei. Depois é inserida uma sonora de uma mulher, chamada pela repórter de manifestante, a favor de Kin, imagem “d” do anexo 13, dizendo, “ela é uma heroína que desafia a justiça para cumprir a palavra de Deus”. A manifestante não é creditada e aparece nove segundos na tela segurando um cartaz, não é possível identificar o conteúdo deste cartaz.. Na sequência é inserida outra sonora de uma mulher, desta vez classificada pela repórter de ativista, imagem “e” do anexo 13, dizendo: “Você não escolhe quem ama. Casar é um direito do ser humano”. A mulher também não é creditada e aparece nove segundos na tela sem segurar nenhuma faixa, placa ou cartaz. Ela é utilizada para encerrar a reportagem com o recurso sobe som.

De volta ao estúdio o apresentador Willian Bonner informa que os colegas de Kin vão registrar os casamentos enquanto ela estiver presa. Ele ainda diz, com expressão fechada, que “o juiz avisou que ela vai ficar presa na cadeia até decidir cumprir a lei”.

4.4.2.1 Análise da reportagem

A reportagem completa teve ao todo dois minutos e vinte e cinco segundos. Nesse tempo foram inseridas sonoras de duas pessoas. Uma era de uma mulher, chamada pela repórter de manifestante, ele segura um cartaz que não é possível saber o conteúdo, não foi creditado e aparece nove segundos. A segunda é utilizada para encerrar a reportagem. Trata-se de uma mulher, chamada pela jornalista de ativista, ela usa um óculos escuros, movimentava bastante o corpo para argumentar. Para Curado (2002) a postura, o comportamento de uma pessoa que é filmada transmite uma mensagem. Completando esse pensamento Schmitz, (2011) as fontes usam estratégias, como movimentos corporais, “para obter visibilidade na esfera pública, legitimar a identidade organizacional ou pessoal e formar uma imagem positiva associada à credibilidade e à boa reputação” (SCHMITZ, 2011, p.14). A sonora não foi creditada e também aparece nove segundos na tela.

Para construir a reportagem ,além da passagem, foram utilizadas vinte e três imagens. Onze delas, a maioria, mostra o bate-boca entre casais gays e a escritã com o cartório cheio de cinegrafistas fotógrafos e repórteres. Foram mostradas também cinco imagens de cartazes bandeiras e manifestantes a favor da escritã e apenas uma a favor do casamento gay.

A palavra “casamento” é a mais citada na reportagem, sete vezes no total. Verbo casar foi citado em três conjugações diferentes. “Escritã” foi a segunda palavra mais citada, cinco vezes no total. Em quatro vezes, palavras que remetem a prisão foram usadas.

Além do caso da escritã a informação mais relevante é que de que mais dois estados se recusam a registrar casamentos gays. A informação não possui fonte informada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada subsidiada pelos autores apresentados, foi possível compreender o tratamento de identidade da homossexualidade nos telejornais pesquisados. Entre as seis reportagens analisadas, três abordam o casamento gay. Nas imagens utilizadas podemos identificar imagens que confirmam o que *off* apresenta. Nas reportagens sobre casamento foram utilizadas muitas imagens da discussão entre casais gays e a escritora. Ou seja, as imagens reforçam que o assunto gera controvérsias e discussão. Para analisarmos essas imagens levamos em consideração as afirmações de Klein (2008). Para o autor, as imagens veiculadas são captadas numa determinada perspectiva e enquadradas de alguma forma por alguém que opera uma câmera. Curado (2002) nos lembra também que o objeto filmado possui uma identidade. Assim a identidade visualizada na análise destas reportagens é de que o casamento gay é um assunto que divide opiniões.

A reportagem Festa para celebrar o orgulho gay em SP reuniu uma multidão na Avenida Paulista é a que possui maior tempo. Em quatro minutos e trinta segundos foram mostrados gays afeminados, fantasiados de mulher, de princesa e usando salto alto. Ao mostrar essas imagens a reportagem afirma que os participantes da parada gay não possuem identidade heteronormativa. De acordo com o Manual LGBT (ABGLT, 2010), heteronormatividade é uma expressão utilizada para descrever ou até mesmo identificar uma suposta norma social relacionada ao comportamento heterossexual. Klein (2008) destaca que uma reportagem superior a dois minutos atribui maior valor aos fatos e permite um tratamento mais profundo. Nas reportagens sobre a Parada Gay os temas abordados foram o comércio no Jornal Hoje e festa no Bom Dia Brasil. Este último, por ter maior tempo, poderia, mas não destacou o tema do evento nem chamou a atenção sobre os temas defendidos pela comunidade LGBT e apoiados pela Parada. Nenhuma das reportagens informou sobre assuntos de utilidade pública, como as modificações no trânsito por exemplo.

Como já abordado acima, segundo um levantamento realizado no decorrer da pesquisa, somando os tempos de duração dos noticiários, ao todo, foram exibidas aproximadamente 376 horas de informação pelos três telejornais analisados. Desse total, a emissora paulista dedicou apenas 44 minutos e 55 segundos para abordar à homossexualidade em 2015.

A maioria das sonoras das pessoas gays não veio acompanhada de crédito com nome e profissão, o que demonstra uma falta de preocupação em dar identidade ao entrevistado como indivíduo e cidadão. Por conseguinte, as reportagens analisadas não identificam os gays como

indivíduos únicos, com comportamentos distintos, mas sim com uma identidade generalizada, a mesma apresentada pelas imagens. Devemos levar em consideração, baseados em Rezende (2000) que o jornalista é um formador de opinião. O que chama a atenção do telespectador, não é o que está sendo dito, mas as imagens veiculadas.

A reportagem “Barack Obama defende os direitos dos homossexuais em discurso no Quênia” é um caso distinto. A cabeça introduz informações sobre direitos dos homossexuais e contraria o conteúdo da reportagem. O principal tema é a forma com os quenianos receberam o presidente americano Barack Obama. O noticiário introduz o tema sobre os direitos dos homossexuais, mas não aborda o tema contido na cabeça da reportagem.

Por mais que existam esforços para trazer a realidade nas reportagens, Klein (2008) nos lembra que “a midiatização realizada pela televisão não consegue trazer o mundo real para a tela” (KLEIN, 2008, p. 68). Os enquadramentos e movimentos das câmeras, da edição e sonoplastia, que determinam o quê e como vai ser mostrado. Nessa perspectiva, como lembra o autor, estamos diante de uma construção de linguagens, não mais ao real, mas a uma realidade discursiva.

Analisando as reportagens não foi possível concluir se os jornalistas fazem o papel social de conscientizar a população sobre o tema. Notou-se nas reportagens, elementos que contribuem na criação de uma identidade generalizada e não individual das minorias sexuais.

REFERÊNCIAS

- ABGLT, Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais,. *Manual de Comunicação LGBT*. ABGLT, 2010.
- ANKERKRONE, Elmo Francfor. *sampaonline.com.br*. 28 de setembro de 2001. <http://www.sampaonline.com.br/colunas/elmo/coluna2001set28.htm> (acesso em 21 de março de 2016).
- ARBEX, José Junior. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2002.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- . *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BAUER, Martin W., e George GASKELL. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BECKER, Beatriz. *A Linguagem do Telejornal, um Estudo da Cobertura dos 500*. 2ª. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais Ltda, 2005.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: UNESP, 1997.
- BONASIO, Valter. *Manual de Produção e Direção*. Belo Horizonte: Leitura, 2002.
- BONNER, Willian. *Jornal Nacional: Modo de Fazer*. São Paulo: Globo, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- . *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CALEFFI, Renata. *ESTRATÉGIAS POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO: O papel do telejornal na construção legislativa brasileira (Lei Carolina Dieckmann, Lei Seca e Projeto de Emenda Constitucional para Redução da maioria penal)*. 2015. <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/37292/R%20-%20D%20-%20RENATA%20CALEFFI.pdf?sequence=1> (acesso em setembro de 2016).
- CASTRO, Adriane Belluci Belório de, e Léa Sílvia Braga de Castro SÁ. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Vol. 32. Bauru: Mimesis, 2011.
- CHAMPAGNE, Patrick. “A sessão Midiática.” Em *A miséria da Mundo*, por Pierre BOURDIEU, 63-79. Petropolis: Vozes, 1998.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2009.
- COLLING, Leandro. *Personagens Homossexuais Nas Telenovelas Da Rede Globo: Criminosos, Afetados E Heterossexualizados*. 2007.

- <http://www.cult.ufba.br/Artigos/Personagens%20homossexuais%20nas%20telenovelas.pdf>.
- CONTI, Mario Sergio. *Notícias do planalto: a imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CUNHA, Albertino Aor da. *Telejornalismo*. São Paulo: Atlas, 1990.
- CUNHA, Carolina. *Gênero e identidade: Muito além da questão homem mulher*. 26 de Dezembro de 2014. <http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/genero-e-identidade-muito-alem-da-questao-homem-mulher.htm> (acesso em 13 de Abril de 2016).
- CURADO, Olga. *A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro, 2002.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. *Televisão: Ensaios metodológicos*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- FOSTER, David William. “Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en a literatura latinoamericana. .” *literatura e autoritarismo*, 2001: 49-53.
- GALTUNG, Johan, e Mari Holmboe RUGE. “A estrutura do noticiário estrangeiro – A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros.” Em *Jornalismo: questões, teorias e estórias*, por Nelson TRAQUINA. Lisboa: Veja, 1999.
- GALVÃO, Lúcia Maria Noya Muniz da Rocha, e Débora César de Araújo Cavalcanti DUCA. “Modernização em programas televisivos de relacionamento e o comportamento juvenil na perspectiva do comportamento consumidor.” *Mercatus Digital*, 2010: 83,96.
- HERREROS, Mariano Cebrián. *Informacion Televisiva: Mediaciones, contenidos, expresión e programación*. Madrid: Síntesis, 1998.
- JESPER, Jean-Jacques. *Jornalismo Televisivo*. Coimbra: Minerva, 1998.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: Conceitos e termos*. Brasília: Jaqueline Gomes de Jesus, 2012.
- JESUS, Jordane Trindade de, e Vitor Lopes RESENDE. *A Televisão e sua influência como meio: uma breve historiografia*. junho de 2013.
- KIENTZ, Albert. *Comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- KLEIN, Otavio José. *A Midiatização no Telejornalismo em Rede. As reportagens da Rede Brasil Sul de Televisão sobre os indígenas Caingangues no Rio Grande do Sul*. 2008. <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/2509/midiatizacao%20no%20telejornalismo.pdf?sequence=1&isAllowed=y> (acesso em março de 2016).

- . *A notícia em rede: processos e práticas de produção da notícia em rede regional de televisão*. Passo Fundo: UPF Editora, 2013.
- KORNIS, Mônica Almeida. *Cinema, Televisão e História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- KURTZ, Adriana Schryver, e Tatiana Reckziegel RODRIGUES. *A homossexualidade nas páginas da Revista Veja (2010 a 2013)*. 2015. <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3270-1.pdf>.
- KYRILLOS, Leny, Cláudia COTES, e Deborah FEIJÓ. *Voz e Corpo na TV: afonoaudiologia a serviço da comunicação*. São Paulo: Globo, 2006.
- LORÊDO, João. *Era uma vez ... a televisão*. São Paulo: Alegro, 2000.
- MACIEL, Pedro. *Jornalismo de Televisão: Normas Práticas*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1995.
- MATTOS, Sergio. *A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)*. Salvador: Ianamá, 2000.
- . *Um perfil da TV Brasileira: 40 anos de história (1950-1990)*. Salvador: A Tarde, 1990.
- MOLOTCH, Harvey, e Marilyn LESTER. *News as Purposive Behavior: On the Strategic Use of Routine Events, Accidents, and Scandals*. National Emergency Training Center, 1974.
- MOTT, Luiz. *Homossexualidade: mitos e verdades*. 1ª. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2003.
- OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio de. *50/50 – 50 Anos de TV*. São Paulo: Globo, 2000.
- OLIVIERA, Anay Stela, e Salete Farinon KNÖNER. “A construção do conceito de gênero: uma reflexão sob o prisma da psicologia.” 2005.
- PAECHTER, Carrie. *Meninos e Meninas – aprendendo sobre masculinidades e feminidades*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- PENA, Felipe. *Teorias do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PENAFRIA, Manuela. *Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo*. 1999. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf> (acesso em setembro de 2016).
- REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil. Um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.
- . *Gêneros e formatos Jornalísticos na Televisão brasileira*. 2009. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2902-1.pdf> (acesso em agosto de 2016).

- SAMPAIO, Mario Ferras. *História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- SANTAELLA, Lucia, e Winfried NÖTH. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- SANTOS, Vanessa dos. *Homossexualidade no Ambiente Escolar*. 2012. <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/2%20Edicao/VANESSA%20SANTOS%20-%20ORIENT.%20CESAR.pdf>.
- SCHMITZ, Aldo Antonio. *Fontes de notícias : ações e estratégicas das fontes no jornalismo*. Florianópolis: Combook, 2011.
- SCOTT, Joan Wllach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica.” *Educação & Realidade* 20, nº 2 (1995): 71-99.
- SECCHIN, Vitor. *Análise dos Jornais da Globo*. 2007.
- SILVA, Bruna Camilo de Souza Lima e, e João Felipe Zini Cavalcante de OLIVEIRA. *Ideologia Heteronormativa: Uma Crítica À Luz Da Teoria Queer*. 2016. [http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467402564_ARQUIVO_HETTERONORMATIVIDADEETEORIAQUEER\(2\).pdf](http://www.gepsexualidades.com.br/resources/anais/6/1467402564_ARQUIVO_HETTERONORMATIVIDADEETEORIAQUEER(2).pdf).
- SILVA, Tatiana Caruso de Oliveira e. *Análise de Produção de Telejornalismo*. Junho de 2005. <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1290/2/20111991.pdf> (acesso em setembro de 2016).
- SOUSA, Jorge Pedro. “Construindo uma teoria multifactorial da notícia como uma Teoria do Jornalismo.” *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 2005: 73-92.
- SOUZA, Carlos Alberto de. *O fundo do espelho é outro: quem liga a RBS liga a Globo*. Itajai: Univali,, 1999.
- SOUZA, José Carlos Aronchi de. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus Editorial, 2004.
- SQUIRRA, Sebastiao. *Aprender Telejornalismo: produção e técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SQUIRRA, Sebastião. *Boris Casoy: O âncora no Telejornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- TAVARES, Cássia. *Sonoras coloridas, plumas e paetês: Um estudo sobre a cobertura de paradas gays na TV Globo*. 2010.

<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1121/2/20702426.pdf> (acesso em março de 2016).

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. *50 anos de imagens: Uma retrospectiva das condições de funcionamento do telejornalismo brasileiro*. 2008. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0233-2.pdf>.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. *A importância histórica da televisão e do telejornalismo*. novembro de 2012. <http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/1.pdf> (acesso em abril de 2016).

TESCH, Renata. *Qualitative research: analysis types and software tools*. Basingstoke: The Falmer Press, 1990.

TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1999.

—. *Teorias do Jornalismo*. 2 vols. Florianópolis, Santa Catarina: Insular, 2005.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Entretenimento: uma crítica aberta*. São Paulo: Senac, 2003.

VALENTINI, Gêssica Gabrieli, e Jorge Kanehide IJUIM. “A realidade “com um parafuso a mais”: teoria construcionista x revista piauí.” *Rev. Estud. Comun*, 2010: 75-82.

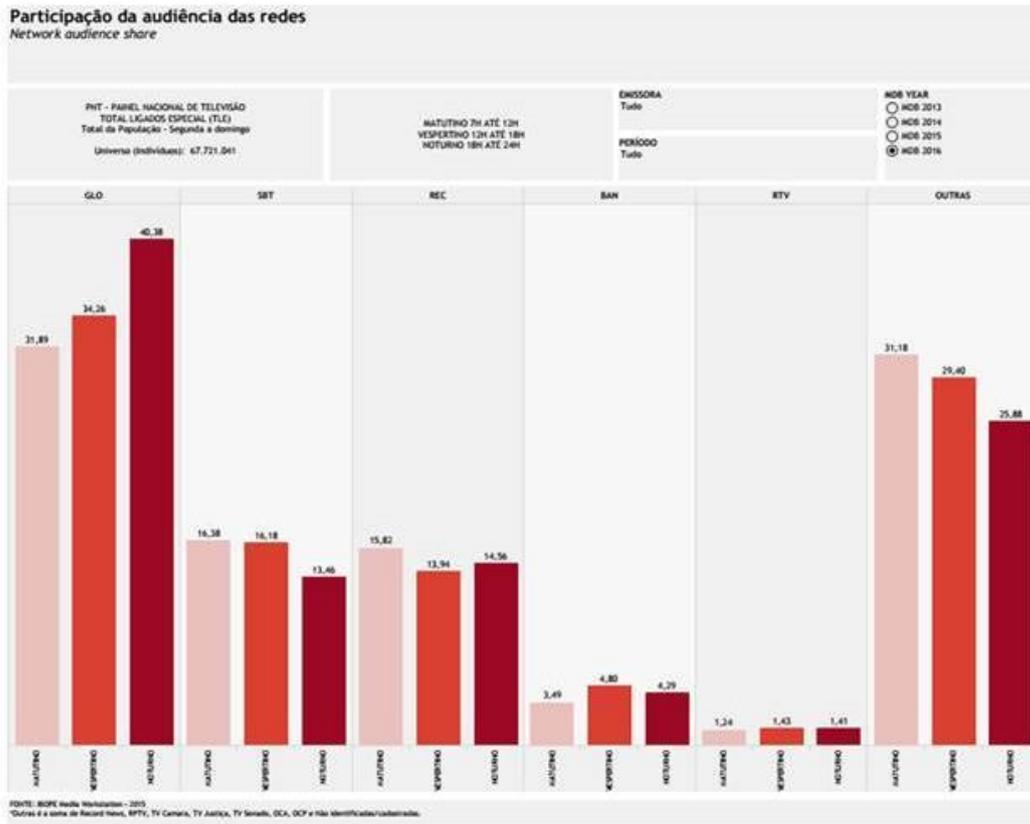
VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

WOLF, Mauro. *Teorias de comunicação*. 8. Lisboa: Presença, 1995.

ZAHAR, Jorge, ed. *Jornal Nacional - a Notícia Faz História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ANEXOS

ANEXO 1



ANEXO 2

<p>Cabeça Rodrigo Bocardí</p>		<p>A FESTA PARA CELEBRAR O ORGULHO GAY EM SÃO PAULO REUNIU SEGUNDO OS ORGANIZADORES, DOIS MILHÕES E OITOCENTAS MIL PESSOAS. AGORA GLORIA VANIQUE, A ESTIMATIVA OFICIAL DA SECRETARIA DE SEGURANÇA FALA E QUATROCENTAS MIL PESSOAS. INDEPENDENTE AI DO NÚMERO O QUE IMPORTA É QUE TEVE MUITA FESTA NÉ, BOM DIA!//</p>
<p>Gloria Vanique São Paulo</p>		<p>O TEMA DA PARADA ESSE ANO FOI “EU NASCI ASSIM, EU CRESCI ASSIM, VOU SER SEMPRE ASSIM, RESPEITEM-ME”./ EMBALADOS POLO SOM DOS TRIOS ELÉTRICOS OS PARTICIPANTES DANÇARAM, DESFILARAM FANTASIAS E REIVINDICARAM DIREITOS.//</p>
		<p>FOI UM DIA PRA SAIR DO ARMÁRIO A SUA ROUPA MAIS ELEGANTE, SEJA ELA UM BLAZER E UMA CAMISA SOCIAL OU A FANTASIA MAIS CHAMATIVA DA AVENIDA. DE CAVEIRA ENGRAVATADA A GARÇOM CALORENTO, PASSANDO PELO PRESIDÁRIO</p>

		EM LIBERDADE E ÉÉÉ, ISSO AÍ É FANTASIA DE QUE MESMO?//
sonoras		<p>-É UM ALERTA A FALTA DE AGUA NO PLANETA. PORQUE EXISTE OS RALOS. VOCÊ NÃO CONSEGUE VER A AGUA INDO EMBORA? EU CONSIGO! ELA TA INDO EMBORA.//</p> <p>- NA SUA CABEÇA?//</p> <p>-A AGUA TÁ NA SUA CABEÇA, VOCÊ CONSEGUE VÊ! AGORA VOCÊ VIU! PARABÉNS BEBE.//</p>
		HÁ OBRIGADO./ ENFIM, O DOMINGO FOI TAMBÉM DE ABRAÇOS APERTADOS, SORRISOS LARGOS E PÉS ACABADOS DE TANTO DANÇAR E CAMINHAR COM OS CALCANHARES TÃO LONGE DO CHÃO.//
sonora		-TÁ DOENDO DE MAIS, É INCRÍVEL COMO AS MULHERES CONSEGUEM FAZER ISSO! DÓI MUITO, DÓI, DÓI, MAS EU VOU TENTAR FICAR.//
		E MULHER SABE TAMBÉM QUE CALÇADO COM SALTO SÓ É PLENAMENTE CONFORTÁVEL QUANDO DEIXA ALTO O PÉ

		POR INTEIRO, MAS NESSE CASO É PÉ TRANQUILO E RESTO DO CORPO DERRETENDO DE CALOR.//
sonora		-MUITO CALOR NÉ, MUITO CALOR O BRASIL NÉ!//
		E JÁ QUE É PRA PASSAR CALOR QUE SEJA PRA SE SENTIR A RAINHA DA FESTA SEM SE ESCONDER NADA, ISSO MOSTRA A CARA. AFINAL AQUI NINGUÉM VAI JULGAR NINGUÉM, VOCÊ É O COMANDANTE DAS SUAS PRÓPRIAS VONTADES. E ISSO MAIS DO QUE NUNCA É ALGO QUE SE ENSINA DESDE MUITO CEDO MESMO.//
sonora		-ELA JÁ VAI FAZER ONZE ANOS E JÁ RESPEITA, SEM PRECONCEITO. E ESSA AQUI TAMBÉM DESDE JÁ!//
		E SE UM BEBE QUE AINDA NEM NASCEU JÁ ABRAÇA ESSA CAUSA, PORQUE QUE UMA AVENIDA COMO A PAULISTA NÃO IA PODER FAZER O MESMO./ PRA PERCEBER ISSO É SÓ OBSERVAR O JEITO EU ELA SE TRANSFORMA PRA RECEBER A FESTA./ NO ASFALTO QUE OFERECE ESPAÇO PRA DEZOITO TRIOS ELÉTRICOS./ NO HOTEL QUE OFERECE A

		PARTE DA FRENTE PRA VIRAR BAR./ NOS PRÉDIOS QUE OFERECEM AS VARANDAS PRA CAMAROTE DA PARADA MAIS EM MOVIMENTO QUE EU JÁ VI.//
		É DE IMPRESSIONAR QUALQUER UM QUE NUNCA TINHA CONFERIDO ASSIM TÃO DE PERTO.//
sonoras		-PRIMEIRA VEZ QUE A GENTE VEM E TO BASTANTE FELIZ DE TER TRAZIDO ELAS AQUI HOJE.// -BEM LEGAL QUE AQUI TUDO É DIFERENTE.// -TODO MUNDO SE PÔR E NINGUÉM SE ESCONDER.//
passagem		É BEM POR AÍ MESMO, PORQUE ESSA É UMA COMEMORAÇÃO DE PESSOAS./ ACIMA DE TUDO É UMA FESTA DE GENTE QUE QUER E MERCÊ RESPEITO, POR QUE NÃO? GENTE QUE VEIO AQUI CELEBRAR UM ORGULHO GIGANTESCO, DO TAMANHO DE UMA AVENIDA PAULISTA INTEIRINHA.//
sonora		TRAGO MINHA FAMÍLIA HOJE PRA SABER O QUE É O MUNDO, NÃO TER PRECONCEITO,

		NÃO EXISTE PRECONCEITO. A PESSOA TEM QUE TIRAR ISSO DA CABEÇA, TODO MUNDO TEM QUE SER FELIZ.//
		SER FELIZ, ESSA SIM É A MAIS IMPORTANTE DAS OPÇÕES.//
Nota pé		<p>TÁ AÍ</p> <p>AGORA INFELIZMENTE HÓ, NO FINAL DA TARDE QUANDO A PARADA JÁ TINHA ACABADO TEVE CONFUSÃO NA ESQUINA DA PAULISTA COM A CONSOLAÇÃO./ A POLÍCIA MILITAR DIZ QUE UM GRUPO ATIROU GARRAFAS CONTRA OS PM'S QUE REAGIRAM COM BOMBAS DE EFEITO MORAL, NINGUÉM FOI DETIDO./ E DURANTE A PARADA TEVE UMA QUADRILHA DE PERUANOS QUE FOI PRESA ROUBANDO./ DOIS HOMENS E DUAS MULHERES FORAM DETIDOS COM DEZESSEIS CELULARES. CINCO PESSOAS VÍTIMAS FORAM ONTEM NA DELEGACIA RECUPERAR OS APARELHOS./ OS PERUANOS VÃO RESPONDER POR ASSOCIAÇÃO CRIMINOSA E POR FURTO QUALIFICADO./ UM DELES JÁ TINHA SIDO PRESO NO BRASIL POR ROUBO E A POLÍCIA ESTÁ CHECANDO AGORA QUAL A SITUAÇÃO DELES NO PAÍS, A QUANTO TEMPO ELES CHEGARAM E SE ELES ESTÃO MORANDO AQUI./ RODRIGO E ANA PAULA.//</p>

Ana Paula		HÁÁ, É UMA PENA NÉ GLORIA, MAS DOIS EPISÓDIOS AÍ ISOLADOS AÍ QUE NÃO MANCHAM EM NADA O QUE FOI A FESTA DA PARADA GAY AÍ EM SÃO PAULO./ ADOREI AS SUPERPRODUÇÕES E ADOREI TAMBÉM VER AS FAMÍLIAS PARTICIPANDO NÉ./ A LUTA CONTRA O PRECONCEITO TEM QUE SER DE TODOS NÉ.//
Rodrigo Bocardí		O MUNDO QUE DEVE SER FELIZ.//
Gloria Vanique		É AQUILO QUE FALARAM, O PRECONCEITO TA AQUI HÓ, NA CABEÇA.//
Ana Paula		É VERDADE, TEM QUE TIRAR DE UMA VEZ POR TODAS.//

ANEXO 3



Imagem a



Imagem b



Imagem c



Imagem d

CABEÇA		<p>TEM POLEMICA NOS ESTADOS UNIDOS./ A SUPREMA CORTE AMERICANA LEGALIZOU ESSE ANO NÉ, O CASAMENTO ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO./ MAS EM PELO MENOS TRÊS ESTADOS, ALGUNS CARTÓRIOS ESTÃO DESAFIANDO A LEI.//</p>
		<p>QUANDO DOIS CASAIS GAYS CHEGARAM PRA REGISTRA O CASAMENTO DELES OUVIRAM DA ESCRIVÃ: “NÃO ESTOU FAZENDO CERTIDÕES DE CASAMENTO HOJE”./ ELES INSISTEM: “COM QUE AUTORIDADE?”./ ELA RESPONDE: “COM A AUTORIDADE DE DEUS”./ O BATE BOCA CONTINUA E OS RAPAZES PERGUNTAM: “DEUS TE DISSE PRA TRATAR A GENTE ASSIM?”.//</p> <p>ESTE TIPO DE DISCUSSÃO JÁ DEVERIA TER ACABADO AQUI NOS ESTADOS UNIDOS, PELO MENOS DO PONTO DE VISTA LEGAL. EM JUNHO A SUPREMA CORTE DECIDIU QUE OS GAYS TÊM DIREITO DE SE CASAR./ MAS A DECISÃO TÁ SENDO CONFRONTADA POR CONVICÇÕES INDIVIDUAIS./ ATIVISTAS DIZEM QUE EM PELO MENOS TRÊS ESTADOS, ESCRIVÃES TEM SE RECUSADO A REGISTRAR O CASAMENTO GAY./ TEXAS, ALABAMA E KENTUCKY.//</p> <p>E É NO KENTUCKY QUE TRABALHA KIN DAVIS./ MANIFESTANTES COM DISCURSO RELIGIOSO A FAVOR DELA E OUTROS FAVOR</p>

		DO DIREITO DOS GAYS TEM OCUPADO O FÓRUM DA CIDADE.//
Passagem Fabio Turci Nova York		DESDE A DECISÃO DA SUPREMA CORTE A ESCRIVÃO NÃO REGISTROU NENHUM CASAMENTO GAY./ ELA CHEGOU A DIVULGAR UMA DECLARAÇÃO POR ESCRITO EM QUE DIZ QUE REGISTRAR A UNIÃO DE CASAIS GAYS VAI CONTRA O QUE DEUS DEFINIU COMO CASAMENTO E QUE SE ELA ASSINASSE ESSAS CERTIDÕES ESTARIA VIOLANDO A PRÓPRIA CONSCIÊNCIA./ A ESCRIVÃ ENTROU NA JUSTIÇA, PERDEU, RECORREU E PERDEU DE NOVO. SE CONTINUAR DESOBEDECENDO À LEI PODE ATÉ SER PRESA.//
Sonora		ESTE AMIGO DA ESCRIVÃ DIZ: “ELA DECIDIU QUE SE TIVER QUE SER PRESA VAI SER”.//
Sonora		ESTE RAPAZ, UM DOS QUE NÃO CONSEGUIRAM SE CASAR DESABAFÁ./ ELES NÃO LIGAM SE É LEI OU NÃO, SIMPLEMENTE NÃO GOSTAM DOS GAYS E NÃO QUEREM QUE ELES SE CASEM.//

ANEXO 5



Imagem a



Imagem b



Imagem c

<p>Monalisa Perrone</p>		<p>E A CIDADE DE SÃO PAULO TA BOMBANDO VIU! PRINCIPAL EVENTO POR AQUI É A PARADA GAY./ OS ORGANIZADORES ESPERAM DOIS MILHÕES E MEIO DE PESSOAS NA AVENIDA PAULISTA AMANHÃ.//</p> <p>O REPÓRTER PHELIPE GUEDES TÁ LÁ./ FELIPE, OI, HOJE SÓ TEM UMA PERGUNTA NÉ! TA TUDO E TODO MUNDO PRONTO É ISSO? BOA TARDE.//</p>
<p>PHELIPE GUEDES São Paulo Ao vivo</p>		<p>OI MONALISA, BOA TARDE, QUASE TUDO PRONTO, TEM COISA QUE TEM QUE SER FEITO NA ÚLTIMA HORA MESMO NÉ. E SE FIZER ESSE SOLÃO QUE TÁ FAZENDO HOJE AQUI NA CAPITAL AMANHÃ, O PESSOAL VAI PODER APROVEITAR.</p> <p>VAI SER UMA PARADA QUE VAI ACONTECER NA AVENIDA PAULISTA EM OBRAS. A PREFEITURA AINDA TA FAZENDO NO CANTEIRO CENTRAL A CICLOVIA, O MASP TA EM REFORMA TAMBÉM. NÃO DEVE SER NADA QUE DEVE ATRAPALHAR MUITO NÃO POR QUE SÓ VAI DIFICULTAR UM POUQUINHO. PRO PESSOAL ATRAVESSAR DE UM LADO PRO OUTRO DA AVENIDA TEM QUE PROCURAR UMA BRECHA NO MEIO DESSA PAREDE DE MADEIRA AI. MAS FORA ISSO A CONCENTRAÇÃO ACONTECE AQUI NO MASP MESMO AS DEZ DA MANHÃ. SÃO DEZOITO TRIOS QUE VÃO DESFILAR. A FESTA AQUI NA</p>

		<p>PAULISTA SÓ TERMINA DEPOIS QUE O ULTIMO TRIO PASSAR.</p> <p>E AI VÉSPERA DA FESTA, TODO MUNDO PENSANDO COM QUE ROUPA VIR PRA CÁ NÉ, ENTÃO TEM OUTRA RUA FAMOSA AQUI DE SÃO PAULO, A VINTE E CINCO DE MARÇO QUE HOJE DE MANHÃ FICOU LOTADA DE GENTE COMPRANDO FANTASIA PRA AMANHÃ</p>
Reportagem		<p>ENTRE A MULTIDÃO DE TURISTAS CHEGANDO A SÃO PAULO ENCONTRAMOS O CRISTAN E O DANIEL. VIERAM DE CURITIBA LOUCOS E PREPARADOS PARA APROVEITAR MUITO</p>
		<p>São Paulo vai ficar pequena pra gente</p> <p><i>Gente eu trouxe de tudo</i></p> <p>Muito laque, não pode faltar laque, secador</p> <p><i>Maquiagem</i></p>
		<p>HOJE DE MANHÃ ENCONTRAMOS OS DOIS NO CENTRO DE SÃO PAULO. E ADIVINHEM O QUE ELES QUERIAM FAZER?</p>
DANIEL SILVA Promoter		<p>To muito ansioso pra fazer compras na vinte e cinco de março</p>

		<p><i>MAS DIZ QUE TEM UM MEDINHO NÉ</i></p> <p>É eu tenho medo que as pessoas me levem junto</p>
<p>Passagem GRAZIELA AZEVEDO São Paulo</p>		<p>TA ME VENDENDO AQUI? ENTÃO A GENTE ATÉ PODIA IMAGINAR QUE IA TÁ CHEIO, MAS O DANIEL E O CRISTIAN NEM SONHAVAM QUE A VINTE E CINCO IA TÁ ASSIM, COMPLETAMENTE LOTADA, PRA ALEGRIA DOS COMERCIANTES DAQUI.</p>
		<p>O QUE COMEÇOU COM UM POUCO DE MEDO...</p>
<p>DANIEL</p>		<p>Gente isso aqui ta parecendo um formigueiro, socorro</p>
		<p>LOGO VIROU FESTA!</p> <p>O COMERCIANTE TRATA MUITO BEM A CLIENTE QUE FAZ A DIFERENÇA NESSE FERIADÃO</p>
<p>JOSÉ DONIZETE DE SOUZA Fiscal de loja</p>		<p>Sabe que eu gostei desses eventos ai</p> <p><i>GOSTOU? O SENHOR GOSTA?</i></p> <p>Ah é bom, pro comercio é ótimo, ajuda muito também né</p>

		<p>Todo que a gente têm em cores arco-íris sai tudo, tudo, tudo, tudo mesmo.</p>
		<p>AQUI É ASSIM, VOCÊ VAI ENCONTRANDO O QUE PROCURA, GENTE ANIMADA E CHEIA DE DICAS COMO ESSES DOIS QUE TAMBÉM SÃO TURISTAS</p>
		<p>Amanhã vocês vão pra parada?</p> <p><i>Vamos</i></p> <p>Então, a gente ta procurando, assim, esses moleton que tão usano agora né, uma camisa mais descolada, mais colorida pra tá usando.</p>
		<p>E SE TEM QUEM NÃO GOSTA...</p>
<p>ELÓI LUIZ MORETI Empresário</p>		<p>Loucura, um milhão de pessoas passando aqui, é coisa pra louco vim aqui fazer compras, mas é barato</p>
		<p>TEM QUEM COMEÇA E NÃO QUER MAIS PARAR</p>
<p>DANIEL</p>		<p>Comecei, agora não paro mais, agora quando acabar, acabou</p>

		ENTÃO TCHAU BOA PARADA PRA VOCÊS!
		Obrigado, até mais, tchau

ANEXO 7



Imagem a



Imagem b



Imagem c

<p>Zileide Silva Cabeça</p>		<p>O PRESIDENTE BARACK OBAMA DEFENDEU OS DIREITOS DOS HOMOSSEXUAIS EM UM DISCURSO QUE FEZ AGORA A POUCO NO QUÊNIA./ VÁRIOS PAÍSES AFRICANOS CONSIDERAM OS GAYS CRIMINOSOS./ OBAMA DESTACOU TAMBÉM O POTENCIAL ECONÔMICO DA ÁFRICA./ OS QUENIANOS ESTÃO FAZENDO FESTA PARA OBAMA DESDE ONTEM, QUANDO ELE DESEMBARCOU NO PAÍS.//</p>
		<p>ACHEGADA DE BARACK OBAMA NA CAPITAL DO QUÊNIA, NAIRÓBI TEVE PROTOCOLO DE VISITA PRESIDENCIAL./ MAS A VIAGEM VAI MUITO ALÉM DE UMA MISSÃO OFICIAL.//</p> <p>A IMAGEM DO FILHO DA TERRA ESTAVA ESTAMPADA NO ALTO E NO PEITO DOS QUENIANOS COMEMORANDO A SUA VOLTA PRA CASA.//</p> <p>SOBE SOM</p> <p>O CUIDADO NOS JARDINS E A BANDEIRA DOS ESTADOS UNIDOS, ERAM SINAIS DE BOAS VINDAS E ORGULHO.//</p> <p>A CHEFE FEZ UM BOLO COM AS CORES DA BANDEIRA AMERICANA E DISSE: QUANDO A FAMÍLIA VEM A NOSSA CASA A GENTE SEMPRE PREPARA UM DOCE.//</p>

		A REPORTAGEM SEGUE FALANDO DA RECEPÇÃO DE OBAMA NO QUÊNIA
--	--	---

ANEXO 9



Imagem a



Imagem b

Renata Vasconcelos		A SUPREMA CORTE DOS ESTADOS UNIDOS DECIDIU HOJE, QUE A CONSTITUIÇÃO AMERICANA GARANTE AS PESSOAS DO MESMO SEXO, O DIREITO DE SE CASAR.//
		A COMEMORAÇÃO COMEÇOU ASSIM QUE A DECISÃO FOI ANUNCIADA./ POR CINCO VOTOS A QUATRO, O CASAMENTO FOI LEGALIZADO NOS CINQUENTA ESTADOS AMERICANOS.//
Luiz Fernando silva pinto Washington		O VOTO FOI APERTADO, MAS A SUPREMA CORTE DETERMINOU QUE DE ACORDO COM A CONSTITUIÇÃO AMERICANA NÃO PODE HAVER EXCEÇÃO./ DUAS PESSOAS DO MESMO SEXO TEM O DIREITO DE SE CASAREM EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL, E NÃO APENAS NOS TRINTA E SEIS ESTADOS E AQUI NO DISTRITO FEDERAL ONDE ISSO JÁ ERA PERMITIDO.//
		CORTNEI E VEGAN SE CASARAM EM WASHINGTON NO ANO PASSADO, EMOCIONADAS DISSERAM.//
Sonora Sobe som		AGORA ISSO É OFICIAL NO PAÍS INTEIRO.//
		PARA NASS A DECISÃO NÃO FAVORECE

	<p>APENAS OS GAYS É UMA QUESTÃO DE DIREITOS HUMANOS./ ESSA É UMA GRANDE VITÓRIA PARA A IGUALDADE, ELE DISSE.//</p>
	<p>NA SENTENÇA O JUIZ ANTHONY KENNEDY ESCREVEU: A COMUNIDADE GAY NÃO BUSCOU ESSE DIRETO PARA ATACAR O CASAMENTO TRADICIONAL, MAS SIM PARA VALORIZAR A UNIÃO MAIS IMPORTANTE QUE EXISTE ENTRE DUAS PESSOAS.//</p> <p>O PRESIDENTE BARACK OBAMA DISSE QUE A DECISÃO COMPROVA O QUE JÁ ERA UMA CONVICÇÃO PARA MILHÕES DE CIDADÃOS./ QUANDO A LEI TRATA A TODOS DE UMA FORMA IGUAL, TODOS SÃO MAIS LIVRES.//</p> <p>DURANTE UMA ENTREVISTA AO VIVO, O HOMEM QUE LEVOU O CASO A ESTANCIA MAIS ALTA DA JUSTIÇA AMERICANA, FOI SURPREENDIDO POR UM TELEFONEMA DO PRÓPRIO PRESIDENTE./ ESTOU ORGULHOSO DA SUA VITÓRIA, DISSE OBAMA.//</p> <p>NO INICIO JIM OBERGEFELL QUERIA APENAS APARECER COMO MARIDO NO ATESTADO DE ÓBITO DE JOHN, SEU PARCEIRO DE MAIS DE VINTE ANOS./ HOJE ELE AJUDOU A MUDAR A HISTORIA DO PAÍS.//</p>

ANEXO 11



Imagem a



Imagem b



Imagem c



Imagem d



Imagem e

CABEÇA		<p>UMA ESCRIVÃ DO ESTADO AMERICANO DO KENTUCKY FOI PRESA HOJE POR DESCUMPRIR UMA DECISÃO DA SUPREMA CORTE DOS ESTADOS UNIDOS QUE REGULAMENTA O CASAMENTO ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO.</p>
		<p>NA HORA DO SIM, ELA DISSE NÃO. KIN DAVIS FOI DETIDA POR SE RECUSAR A EMITIR CERTIDÕES DE CASAMENTO PRA CASAS DO MESMO SEXO./ O JUIZ DISSE QUE AS CONVICÇÕES PESSOAIS NÃO PODEM ESTAR ACIMA DA LEI.//</p> <p>A ESCRIVÃ ALEGA QUE O CASAMENTO GAY NÃO É RECONHECIDO POR DEUS./ O CASO GANHOU DESTAQUE DEPOIS QUE ELA BATEU BOCA COM DOIS HOMENS QUE TENTAVAM SE CASAR.//</p> <p>“NÃO ESTOU FAZENDO CERTIDÕES DE CASAMENTO HOJE”, DISSE ELA./ O NOIVO DAVID PERGUNTOU: “SOB QUE AUTORIDADE?"/ E ELA RESPONDEU: “SOB A AUTORIDADE DE DEUS”./</p>
<p>Passagem Sandra Coutinho Nova York</p>		<p>AQUI NOS ESTADOS UNIDOS A CERTIDÃO DE CASAMENTO É FEITA POR FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS LIGADOS AO SISTEMA JUDICIÁRIO./ NA CIDADE ONDE KIN DAVIS TRABALHA O</p>

		<p>ESCRIVÃO É ELEITO PELO POVO E SÓ PODE SER RETIRADO DO CARGO POR IMPEACHMENT.//</p>
		<p>MAS TEM GENTE QUE ACHA QUE A CONVICÇÃO RELIGIOSA DE KIM NÃO COMBINA COM A VIDA QUE ELA LEVA./ A ESCRIVÃ ESTÁ NO QUARTO CASAMENTO./ “ELA JÁ SE DIVORCIOU TRÊS VEZES, NÓS ESTAMOS JUNTOS A VINTE ANOS”, DISSE MAIS UM NOIVO QUE SAIU DA PREFEITURA SEM ALIANÇA.//</p> <p>A DOIS MESES A SUPREMA CORTE LEGALIZOU O CASAMENTO GAY NOS CINQUENTA ESTADOS AMERICANOS./ MAS KIN NUNCA ASSINOU UMA ÚNICA CERTIDÃO DE DOIS NOIVOS OU DUAS NOIVAS. ELA ENTROU NA JUSTIÇA E PERDEU, RECORREU E AGORA FOI PARA NA PRISÃO.//</p> <p>KIN NÃO ESTÁ SOZINHA. ESCRIVÃS DO ALABAMA E DO TEXAS TAMBÉM TEM USADO A RELIGIÃO PRA DESCUMPRIR A LEI./ PROTESTOS E MANIFESTAÇÕES DE APOIO CHEGAM DE VÁRIOS ESTADOS.//</p>
<p>Sonora</p>		<p>“ELA É UMA HEROÍNA QUE DESAFIA A JUSTIÇA PRA CUMPRIR A PALAVRA DE DEUS”, DIZ A MANIFESTANTE DE OHIO.//</p>

Sonora		“VOCÊ NÃO ESCOLHE QUEM AMA. CASAR É UM DIREITO DO SER HUMANO”, ARGUMENTO A ATIVISTA DO KENTUCKY.//
Nota pé		CINCO PROFISSIONAIS QUE TRABALHAM COM KIN VÃO EMITIR CERTIDÕES DE CASAMENTO PRA TODOS OS CASAIS ENQUANTO ELA ESTIVER PRESA./ E O JUIZ AVISOU QUE ELA VAI FICAR NA CADEIA ATÉ DECIDIR CUMPRIR A LEI.//

ANEXO 13



Imagem a



Imagem b



Imagem c



Imagem d



Imagem e

ANEXO 14

NR DE MATÉRIA	FONTE	DATA	TEMA	NOTÍCIA	REPORAGEM	
9	Jornal Nacional	segunda, 23 de maio de 2013	001-44	matrômonios e gravidez em um referendo o casamento homossexual	reportagem	
		sexta-feira, 26 de junho de 2013	002-07	Supremo vota sobre EJA e casamento gay em 2008 e 2013	reportagem	
		segunda, 23 de junho de 2013	002-11	Obama defende direitos homossexuais no Quênia	vota coberta	
		quinta-feira, 30 de junho de 2013	000-23	Judou o lituano ortodoxo e estrangeiros passarem em Praga Gay de Jermualem	vota coberta	
		quinta-feira, 3 de setembro de 2013	002-23	Escritor que se recusou a casar diz ser gay nos Estados Unidos	reportagem	
		sexta-feira, 4 de setembro de 2013	002-01	Cartão com lista de casamentos EJA no Brasil não será usado	reportagem	
		terça-feira, 8 de setembro de 2013	000-27	Escritor brasileiro lança livro sobre homossexualidade nos Estados Unidos	vota coberta	
		segunda, 3 de outubro de 2013	000-39	Ativismo gay em São Paulo e o movimento LGBTQ+ nos Estados Unidos	vota coberta	
		terça-feira, 3 de março de 2013	001-42	Libertação do pagamento de punição para casais do mesmo sexo e o poder da família	reportagem	
		quarta-feira, 4 de março de 2013	000-38	STJ decide que é possível gravidez homossexual por meio de inseminação	vota por voz	
7	Jornal Hoje	sexta-feira, 21 de maio de 2013	001-18	Matrômonio de 15 anos que decide em voto a maioria no Brasil	vota coberta	
		segunda, 23 de maio de 2013	000-31	Matrômonio de 15 anos em São Paulo para o primeiro casamento gay no Brasil	reportagem	
		sexta-feira, 6 de junho de 2013	003-03	Tribuna se pronuncia sobre casamento entre pessoas do mesmo sexo e gays	vota coberta	
		sexta-feira, 26 de junho de 2013	001-31	Supremo vota sobre EJA e casamento entre pessoas do mesmo sexo e gays	vota coberta	
		segunda, 23 de junho de 2013	002-11	Brasil: Como defende os direitos homossexuais em discurso no Quênia	reportagem	
		terça-feira, 31 de março de 2013	001-13	Tribuna se pronuncia sobre o primeiro casamento homossexual entre dois homens	vota coberta	
		terça-feira, 7 de abril de 2013	002-30	Escritor brasileiro lança livro sobre homossexualidade nos Estados Unidos	reportagem	
		quarta-feira, 30 de abril de 2013	002-10	Supremo vota sobre EJA e casamento homossexual no Brasil	reportagem	
		sexta-feira, 21 de maio de 2013	000-31	Matrômonio de 15 anos em São Paulo para o primeiro casamento gay no Brasil	vota coberta	
		quarta-feira, 3 de junho de 2013	003-48	Homens no no Brasil são impedidos de doar sangue	reportagem	
10	Bom Dia Brasil	sexta-feira, 8 de junho de 2013	004-30	Foto para o casamento de um casal gay em SP revela uma multidão na Avenida Paulista	reportagem	
		segunda-feira, 3 de agosto de 2013	000-31	Morte e sepultamento estrangeiros no Praga Gay em Jermualem	vota coberta	
		segunda-feira, 17 de agosto de 2013	002-01	Condição de prisão e processo de um casal gay em Jermualem	reportagem	
		quarta-feira, 1 de setembro de 2013	001-34	Escritor brasileiro lança livro sobre homossexualidade nos Estados Unidos	reportagem	
		sexta-feira, 3 de outubro de 2013	000-31	Matrômonio de 15 anos em São Paulo para o primeiro casamento gay no Brasil	vota coberta	
		004-35				
		Legenda				
		reportagem				
		vota coberta				
		vota por voz				
reportagem coberta						